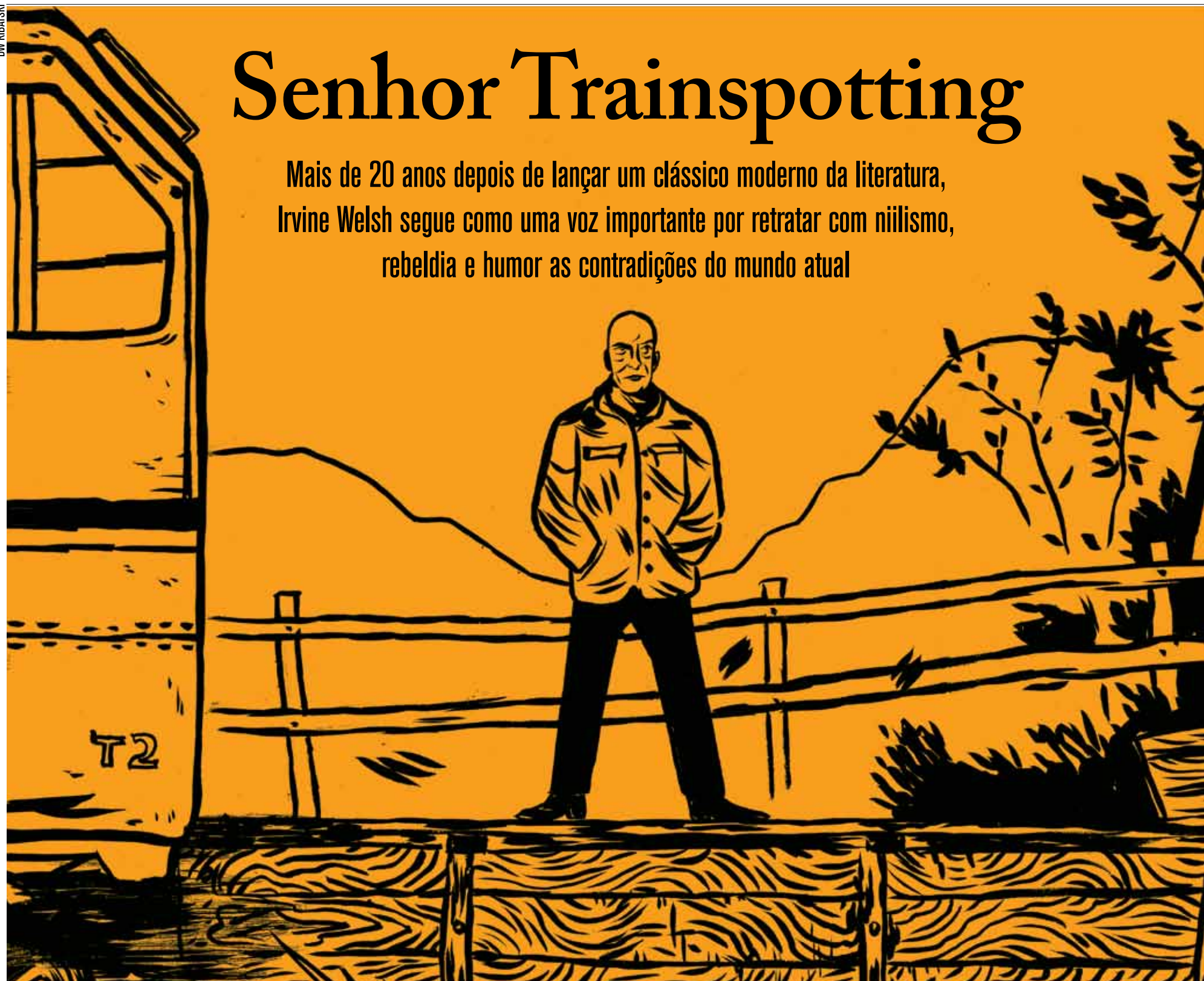


Senhor Trainspotting

Mais de 20 anos depois de lançar um clássico moderno da literatura, Irvine Welsh segue como uma voz importante por retratar com niilismo, rebeldia e humor as contradições do mundo atual





EDITORIAL



Irvine Welsh tornou-se uma celebridade literária em 1993, quando lançou seu primeiro livro, *Trainspotting*, romance que vendeu mais de 1 milhão de exemplares somente no Reino Unido. O sucesso foi ampliado três anos mais tarde, quando Danny Boyle adaptou a história para os cinemas e transformou o filme em *cult*.

Welsh, desde então, tem sido aclamado como uma das vozes mais representativas de sua geração. O autor escocês cunhou um estilo de narrar a partir da própria vida errante em um bairro proletário de Edimburgo, sua cidade natal. O universo das drogas, a falta de perspectivas dos jovens e as contradições de uma vida pautada no esquema “trabalho-família-consumo” deram as bases para a literatura que o escritor continua produzindo e que encontra ressonância em leitores do mundo todo.

Mais do que um “escritor pop” ligado em tendências da música e do cinema, Welsh é um criador que expõe os dramas da sociedade contemporânea. É

sobre isso que trata o jornalista Bruno Cobalchini Mattos no ensaio publicado nesta edição do **Cândido**. Ele mostra como a obra de Welsh se desenvolveu a partir do modelo social que, no Reino Unido, atingiu seu ápice a partir do governo da primeira-ministra Margaret Thatcher (1925-2013). “É importante frisar que os romances de Welsh estão longe de ser panfletários. São radicalmente críticos, mas não do tipo que oferece alternativas ou respostas fáceis. Pelo contrário: a maioria de suas obras apresenta múltiplos narradores com pontos de vista antagônicos”, escreve Mattos.

Depois de 20 anos da estreia de *Trainspotting* nos cinemas, uma nova e aguardada sequência da história já está em produção e tem lançamento previsto para janeiro de 2017 no Reino Unido. O jornalista Omar Godoy analisa o impacto que T2 pode causar no cenário atual, radicalmente diferente ao dos anos 1990, quando o primeiro longa foi lançado.

A 62ª edição também traz uma longa reportagem sobre os 130 anos

de nascimento de Manuel Bandeira. O texto repercute a opinião de vários estudiosos do poeta e discute, entre outras questões, a relação de Bandeira com a geração de escritores modernistas e como, hoje, o legado do autor é absorvido pelo leitor contemporâneo brasileiro.

Na seção Perfil do Leitor, o diretor baiano Aly Muritiba fala sobre suas preferências literárias e das adaptações cinematográficas que prepara para livros de Daniel Galera, Lourenço Mutarelli e Raphael Montes.

Entre os inéditos, o **Cândido** antecipa poemas do próximo livro de Adriana Lisboa, *Uma pequena música*, que será lançado no primeiro semestre de 2017 pela editora Iluminuras. A curitibana Vanessa C. Rodrigues também aparece com sua produção poética. Na prosa, a edição traz trecho do romance *Homens elegantes*, a mais recente longa narrativa de Samir Machado de Machado, que a Rocco publica durante o mês de setembro, e texto de Leonardo Villa-Forte.

Boa Leitura.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal
da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:
Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Redação:
Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiários:
Kaype Abreu e Helena Salvador

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC
Rita Solieri Brandt | coordenação
André Coelho, Bianca Franco, Marluce Reque e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:
Adriana Lisboa, André Coelho, Bianca Franco, Bruno Cobalchini Mattos, D.W. Ribatski, Leonardo Villa-Forte, Vanessa C. Rodrigues, Samir Machado de Machado.

Redação:
imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
Segunda a sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva
do autor e não expressam a opinião do jornal.



Retrato de um Artista

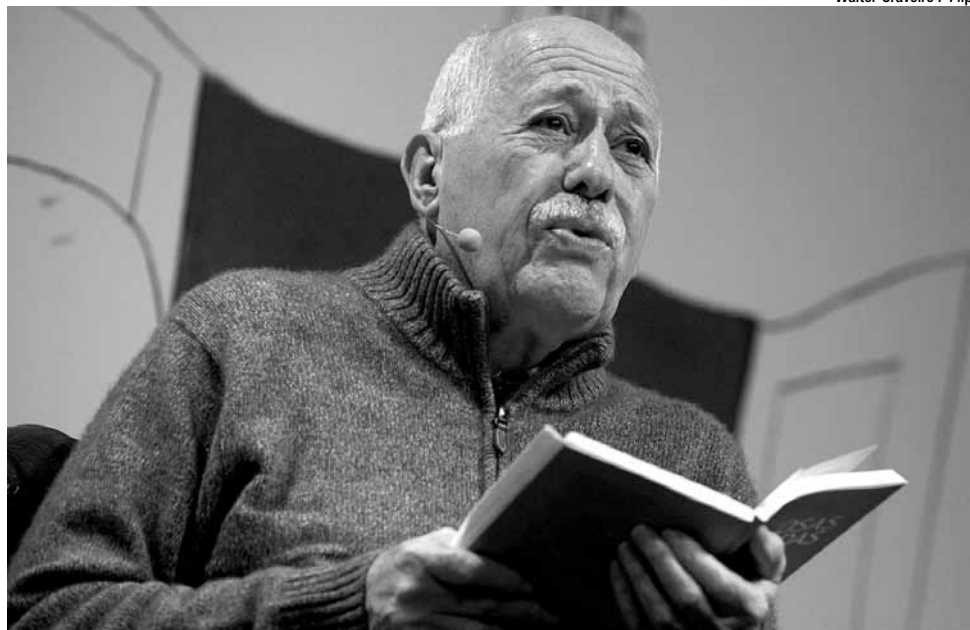
Para celebrar os cinco anos do **Cândido**, o selo Biblioteca Paraná lança em setembro uma caixa com 30 desenhos de escritores, feitos por 20 ilustradores, para a seção Retrato de um Artista. Publicadas de forma ininterrupta durante 45 edições, as obras mostram uma variedade de autores selecionados, brasileiros e estrangeiros — de Valêncio Xavier a Miguel de Cervantes, de Mario de Andrade (foto) a Jorge Luis Borges. A publicação também apresenta aos leitores alguns dos principais artistas gráficos, cartunistas e ilustradores brasileiros, que estão fazendo história na imprensa e no mercado editorial. São eles: Alberto Benett, Allan Sieber, André Ducci, DW Ribatski, Felipe Canalli, Heitor Yida, José Marconi, Klaus Koti, Leo Gibran, Manuel Depetris, Marina Moraes, Orlandeli, Pedro Franz, Renato Faccini, Ricardo Humberto, Rogério Coelho, Rômolo D'Hipolito, Samuel Casal, Theo Szczpanski e Weberson Santiago. As caixas serão distribuídas a todas as Bibliotecas Públicas do Estado e também vendidas na BPP a R\$ 30.

Klaus Koti



Escritor na Biblioteca

Walter Craveiro / Flip



Silviano Santiago é o próximo convidado do projeto “Um Escritor na Biblioteca”. O encontro acontece em 21 de setembro no auditório Paul Garfunkel da Biblioteca Pública do Paraná, às 19h30. A entrada é gratuita. Santiago é escritor, crítico literário e professor emérito da Universidade Federal Fluminense (UFF). Entre seus livros de ficção, destacam-se *Em liberdade* (prêmio Jabuti de romance), *Stella Manhattan*, *Heranças* (prêmio Academia Brasileira de Letras para romance) e o mais recente, *Mil rosas rouba-*

das, que em 2015 venceu o Prêmio Oceanos. O autor já recebeu o prêmio para conjunto de obra, concedido pelo governo do estado de Minas Gerais, o prêmio Machado de Assis, outorgado pela Academia Brasileira de Letras, e, em 2014, o prestigioso prêmio ibero-americano de literatura José Donoso, concedido pelo Chile. Desde 2011, o projeto Um Escritor na Biblioteca já recebeu 40 autores da literatura brasileira contemporânea. O próximo convidado é o jornalista e escritor Zuenir Ventura, no dia 19 de outubro.

Contos do Cândido

O **Cândido** vai selecionar 12 jovens autores (entre 18 e 30 anos), nascidos ou radicados no Paraná, para integrar uma coletânea de contos que será publicada pelo selo Biblioteca Paraná. As inscrições já estão abertas e seguem até 16 de outubro. Cada autor pode participar com apenas um texto, que deve ser totalmente inédito, incluindo publicação na internet. O conto

deve ter entre 5 e 15 mil caracteres (fonte Times New Roman, 12, espaço 1,5). A seleção será feita pela equipe do **Cândido**. A inscrição é feita exclusivamente pelo e-mail: jornalcandido@bpp.para.gov.br. Juntamente com o texto, o candidato deve enviar cópia do RG, comprovante de residência, telefone e uma breve biografia, de três a cinco linhas, contendo as seguintes informações: local de nascimento, cidade em que vive atualmente e ocupação. O resultado será anunciado na página da Biblioteca Pública do Paraná no mês de novembro.

Oficina de quadrinhos

Entre 27 a 29 de setembro, das 14h às 17h, a Biblioteca Pública do Paraná promove a oficina “Histórias em Quadrinhos — Dialogos com literatura e cinema”, com Eloar Guazzelli. As inscrições, gratuitas, ficam abertas até o dia 16 e são realizadas pelo e-mail oficina@bpp.pr.gov.br. Podem participar pessoas com mais de 18 anos e que tenham familiaridade com desenho. As 30 vagas serão preenchidas por ordem de chegada. “Partindo da exposição dos elementos estruturais das histórias em quadrinhos (roteiro original/roteiro adaptado, composição das cenas, etc), vou propor estabelecer relações das HQs com a literatura”, diz Guazzelli. O artista nasceu em Vacaria (RS) e é desenhista há mais de três décadas. Consagrou-se no universo das histórias em quadrinhos e também faz animações para o cinema. Já ilustrou mais de 60 livros para crianças, entre eles, *Histórias de mistério*, de Lygia Fagundes Telles, e *A Árvore dos desejos*, de William Faulkner. Guazzelli também já verteu para a linguagem dos quadrinhos vários clássicos literários, como *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, e *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.

Divulgação



MEMÓRIA LITERÁRIA

Museu de Literatura Brasileira Fundação Casa de Rui Barbosa



Manuel Bandeira é considerado pela crítica um dos mais importantes poetas da literatura brasileira.



Evocação de Bandeira

Nascido há 130 anos, Manuel Bandeira se tornou um dos grandes nomes da poesia brasileira recriando detalhes do dia a dia em poemas até hoje presentes no imaginário cultural do país, além de ter atuado como cronista, professor e crítico de arte

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Manuel Bandeira (1886-1968) só não é o maior poeta brasileiro, levando em consideração o cânone literário, por não ter sido o mais perfeccionista em relação à forma. A afirmação é de André Caldas Cervinskis, autor, entre outros, do livro *Manuel Bandeira, poeta até o fim* (2004). Ele observa que Bandeira não se preocupou, por exemplo, como João Cabral de Melo Neto, em refletir sobre os princípios e características da poesia. “No entanto, é um dos poetas mais lidos e aclamados pela maioria dos leitores, principalmente das antigas gerações. É um poeta de iniciação à poesia”, comenta.

Já a professora aposentada da Faculdade Porto-Alegrense (FAPA) Mara Ferreira Jardim analisa que Bandeira foi, e ainda é, um dos principais poetas brasileiros, senão o maior de todos. “Certamente é uma opinião muito pessoal, que vem da minha paixão pela obra dele”, diz a autora da tese de doutorado “Manuel Bandeira: Tão Brasil!”, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2007, na qual a estudiosa investiga a presença do humor e da melancolia na obra poética do autor.

No entendimento de Mara, é relativamente fácil explicar o motivo de Bandeira ser um dos grandes nomes da poesia brasileira. Primeiramente, pelo fato de que ele, “mais do que qualquer outro poeta”, soube manejar com perícia a técnica do verso, amparado por uma formação clássica e, ao mesmo tempo, por sua incansável busca do novo: “soube também, como ninguém, explorar a riqueza de nossa língua, que ele canta em versos de uma beleza ímpar.”

Mas, enfatiza a pesquisadora, é sobretudo pela busca da identidade nacional que Bandeira se destaca dos demais autores. “É ele, sem dúvida, quem melhor expressa a ‘alma brasileira’ através da constante mescla de humor e melancolia que caracterizam a sua obra lírica”, afirma.

Mara lembra que, ao contrário de Oswald de Andrade e de Mário de Andrade, Bandeira não pretendeu fazer a revisão de nossa história por meio da crítica do descobrimento e do processo de colonização. Bandeira apresenta o país de uma maneira sutil: o autor parte da observação de pequenos detalhes do dia-a-dia, como a presença de um prosaico sagui no apartamento da

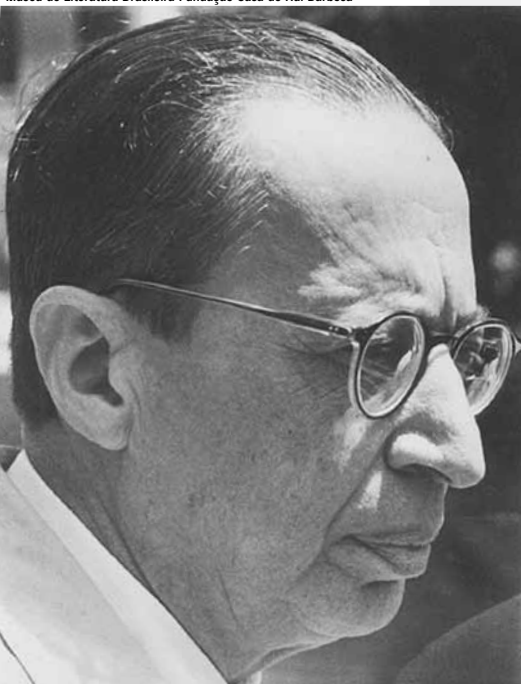
“Porquinho-da-índia”

Poema do livro *Libertinagem*

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar debaixo
do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos mais
limpinhos
Ele não gostava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas
ternurinhas...

— O meu porquinho-da-índia foi a minha
primeira namorada.

Museu de Literatura Brasileira Fundação Casa de Rui Barbosa



A vida que poderia ter sido e foi

Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho nasceu no dia 19 de abril de 1886, no Recife (PE). A partir de 1890, a família se muda para outras cidades, entre as quais Rio de Janeiro — onde ele conheceu Machado de Assis —, Santos e São Paulo. Em 1903, Bandeira ingressa na Escola Politécnica, na capital paulistana, uma vez que tinha como meta se tornar arquiteto. No ano seguinte, fica sabendo que está com tuberculose, abandona os estudos e passa temporadas em cidades onde o clima seria mais favorável ao seu estado de saúde, como Campanha (MG), Teresópolis (RJ), Maranguape (CE), Uruquê (CE) e Quixeramobim (CE).

Em 1913 viaja para a Europa para realizar tratamento no sanatório suíço de Clavadel, onde conhece Paul Eugène Grindel, que iria se notabilizar como poeta com o nome de Paul Éluard. Passa a viver no Rio de Janeiro a partir de 1914. Perde a mãe em 1916, a irmã, em 1918, e o pai, em 1920. Em 1936, o ministro da Educação, Gustavo Capanema, nomeia Bandeira inspetor de ensino secundário. O poeta é eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1940. É nomeado professor de literatura hispano-americana na Faculdade Nacional de Filosofia.

A doutora em literatura brasileira pela UFRGS Mara Ferreira Jardim afirma que é importante lembrar não apenas do poeta, mas de outro Bandeira, o escritor de crônicas, de textos de crítica literária, de extensa correspondência, como a trocada com Mário de Andrade, e, sobretudo, o autor de *Itinerário da Pasárgada* — o seu “testamento literário” e obra necessária para quem deseja conhecer o seu fazer poético.

Quanto às crônicas, Mara destaca o livro *Crônicas da província do Brasil*, que reúne textos escritos para jornais de Recife e do Rio, publicado pela primeira vez em 1937. “Falando sobre essas crônicas na introdução do livro, Bandeira diz que foram escritas às pressas e ‘eram crônicas de um provinciano para a província. Aliás este mesmo Rio de Janeiro de nós todos não guarda, até hoje, uma alma de província? O Brasil todo é ainda uma província’.”

Foi tradutor, nunca se casou, viveu em diversos endereços, teve um relacionamento duradouro com Mme. Blank e a sua última companheira foi Maria de Lourdes Heitor de Sousa. “Bandeira cumpriu algumas das expectativas, frustrou outras e ultrapassou muitas”, observa o professor da Uerj Everton Barbosa Correia.

No dia 13 de outubro de 1968, Bandeira morre no hospital Samaritano, em Botafogo, no Rio de Janeiro.

vizinha ou dos balões de cor, na feira suburbana, parte da visão do povo, da gente comum, do camelô, dos meninos carroceiros, do carregador suicida: “É assim que ele vê o Brasil, e vai aos poucos revelando-o naquilo que o país tem de alegria e de tristeza. Bandeira nos diz o que é ser brasileiro numa terra de contrastes inigualáveis, revela o que nos une no meio de tantas diversidades, o que faz com que nos reconheçamos como irmãos nos mínimos e mais variados gestos.”

Modernista e plural

Ao lecionar e pesquisar na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Lucila Nogueira trabalha para evidenciar a atuação de Bandeira no modernismo brasileiro. “Homem de muitas leituras de poesia pelo mundo, ele é o iniciador verdadeiro do modernismo com as características de verso livre, sintaxe ilógica, oralidade e boa dose de humor, além do uso de palavras faladas no Brasil”, diz.

O professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) Everton Barbosa Correia lembra que a relação de Bandeira com os modernistas é bastante controversa — e está explicitada na sua correspondência com Mário de Andrade, de quem foi amigo e com quem tinha várias discordâncias. “Bandeira nunca disse ao certo porque não compareceu ao Teatro Municipal de São Paulo, em 1922, durante a Semana de Arte Moderna”, observa. Apesar de não participar, ele autorizou Ronald de Carvalho a declamar durante o evento “Os sapos”, poema de sua autoria, presente no livro *Carnaval* (1919).

Correia chama a atenção para o fato de que Bandeira foi um autor plural, em quantidade e em diversidade de gêneros, de assuntos e de formas. Durante o seu percurso literário, muito — se não tudo — mudou, inclusive a relação do poeta com a morte. “Quando jovem, a iminência da morte era muito mais efetiva, ao passo que, com o tempo, ele foi estabelecendo uma relação menos sombria e mais sarcástica com a sua própria finitude”, diz o professor da Uerj — leia mais sobre a trajetória do poeta na página 6.

A crítica literária, comenta Mara Ferreira Jardim, costuma destacar três grandes motivos que inspiram Bandeira, e que perpassam toda a sua produção lírica: a morte, o amor e a infância. “A poesia dele, bastante subjetiva, volta-se para o individual, deixando pouco espaço para os temas coletivos”, enfatiza. De acordo com a pesquisadora, o subjetivismo do poeta é mais intenso em suas primeiras obras, *A cinza das horas* (1917) e *Carnaval* (1919), período em que, atormentado pela doença, pelas limitações impostas pela tuberculose à sua vida e tendo a morte como companheira constante, Bandeira mergulha no sofrimento, escrevendo versos melancólicos, nos quais também se evidenciam sentimentos como revolta, desencanto e resignação. “Essas primeiras manifestações poéticas, produzidas, em sua maioria, na segunda década do século XX, são dominadas por temas e linguagem simbolistas”, explica Mara.

Então, chega a década de 1920, mas a morte não chega para o poeta. Após enfrentar o sofrimento da perda da mãe, da irmã (sua fiel enfermeira) e

Museu de Literatura Brasileira Fundação Casa de Rui Barbosa



“Momento num café”

Poema do livro *Estrela da manhã* (1936)

Quando o enterro passou
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente
Saudavam o morto distraídos
Estavam todos voltados para a vida
Absortos na vida
Confiantes na vida.

Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado
Olhando o esquife longamente
Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade
Que a vida é traição
E saudava a matéria que passava
Liberta para sempre da alma extinta.

do pai, e continuando ele próprio vivo, Bandeira se vê obrigado a encarar uma realidade com que tanto sonhara, mas na qual não ousara acreditar: a possibilidade de um futuro, que o obriga a ver a vida readquirida sob novas perspectivas. “Seu olhar se desprende do círculo intimista e autocentrado em que a doença o lançara e passa a observar o mundo à sua volta”, comenta Mara. E essa nova perspectiva de vida é essencial na concretização do “salto” para o modernismo, já iniciado em *Ritmo dissoluto* (1924) e que atinge o seu auge em *Libertinagem* (1930).

Um dos pontos altos

Libertinagem é a obra que, definitivamente, consagra Bandeira. Afinal, o livro traz alguns dos poemas mais famosos do autor, entre os quais “Vou-me embora pra Pasárgada”, “Evocação do Recife”, “Irene no céu”, “Pneumotórax”, “O

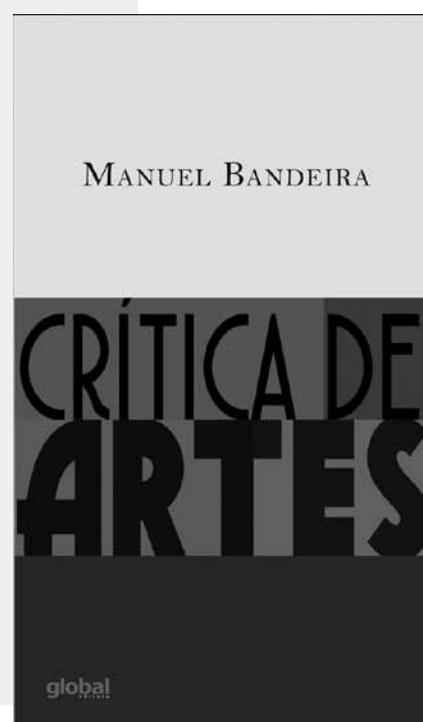
cacto” e “Poética”. “É certo que em livros anteriores e nos escritos posteriormente há momentos de grande lirismo e inspiração. No entanto, em *Libertinagem* o poeta consegue atingir um grau de regularidade e excelência não encontrado nas demais obras”, diz Mara Ferreira Jardim.

Entre os pontos altos da poesia de Bandeira, Mara destaca “Evocação do Recife”, um dos mais longos poemas do autor, que começa da seguinte maneira: “Recife/ Não a Veneza americana/ Não a Mauritssatd dos armadores das Índias Ocidentais/ Não o Recife dos Mascates/ Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois —/ Mas o Recife sem história nem literatura/ Recife sem mais nada/ Recife da minha infância.”

A estudiosa gaúcha acrescenta que em “Evocação do Recife” o poeta alcança um lirismo agudo, adotando um tom nostálgico e saudosista, quase elegíaco:

Bandeira na Global

Desde 2012, o Grupo Editorial Global publica com exclusividade a obra de Manuel Bandeira — anteriormente, Nova Fronteira e Cosac Naify também editavam o legado do autor. Nestes últimos quatro anos, a Global já publicou 26 títulos de Bandeira — incluindo os livros de poemas, cada um — como *Libertinagem* (ver imagem) — com um texto de apresentação inédito, assinado por um estudioso ou poeta, além de um caderno iconográfico, com fotos e manuscritos. Também foram reeditadas coletâneas, entre as quais *Antologia poética* (poemas de Bandeira selecionados por ele mesmo) e *Para querer bem* (poemas de Bandeira organizada por Bartolomeu Campos de Queirós). Um dos destaques do catálogo é *Crítica de artes* (ver imagem), volume que traz textos que o poeta escreveu sobre pintura e música. O editor-assistente, Gustavo Henrique Tuna, informa que em breve a empresa vai publicar, por meio da Nova Aguilar, selo adquirido recentemente pela Global, a poesia completa de Bandeira, em dois ou três volumes, e também parte da prosa do autor em outros volumes.



seus versos lamentam a perda do Recife de seu tempo de criança, das ruas, das casas e das pessoas. Ao ler o poema, Mara diz não ver apenas o Recife de Bandeira, mas o seu Rio Grande do Sul natal.

“Reconheço os sons que povoaram a minha infância, os pregões, as cantigas de roda, a voz dos adultos, o som gostoso da ‘língua errada’ do povo. Nele, revejo a casa do meu avô. Porque o Recife do poeta é a cidade de cada um de nós, perdida num passado longínquo ou recente, mas possível de ser revivido apenas através da memória”, comenta a professora, que ainda menciona os versos finais do poema: “Recife.../ Rua da União.../ A casa de meu avô.../ Nunca pensei que ela acabasse!/ Tudo lá parecia impregnado de eternidade/ Recife.../ Meu avô morto./ Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro como a casa de meu avô.”

O professor da Universidade de Pernambuco (UPE) Alexandre Furtado comenta que, em “Evocação do Recife”, Bandeira “eterniza” a cidade de um outro tempo, em que, por exemplo, as pessoas ficavam nas calçadas depois do jantar, onde havia mexericos e conversas, meninos e namorados frequentando o espaço público das ruas. “Esse Recife descrito por Bandeira é bem diferente [do momento atual]. Talvez já tenha desaparecido. Portanto, ler o poeta no Recife, hoje, é acessar o seu universo, confrontar temporalidades, imaginar do que teria saudade o poeta se vivo, e entender pela leitura de autores recentes visões sobre a vida aqui”, teoriza.

Museu de Literatura Brasileira Fundação Casa de Rui Barbosa



Encontro de poetas: Cecília Meirelles e Manuel Bandeira.

Museu de Literatura Brasileira Fundação Casa de Rui Barbosa



Bandeira ocupou a cadeira 24 da Academia Brasileira de Letras.

Único e eterno

Everton Barbosa Correia afirma que é impossível pensar na existência da literatura do Brasil sem a figura de Bandeira. O motivo é o seguinte: talvez nenhum outro autor brasileiro tenha conseguido se colocar de modo tão impositivamente subjetivo na sua escrita quanto ele. “Quando o fizeram, fizeram circunstancialmente. Bandeira fez isso durante toda uma vida, o tempo todo, porque este era o meio de sua expressão, uma condição de sobrevivência enquanto ser social e como sujeito literário que se fabricava. Daí haver uma suposta espontaneidade nos seus versos, que nos leva a confundir sua persona artística com a pessoa que foi de fato”, diz.

O professor da Uerj acredita que essa fabricação de um sujeito urdido de sua própria pessoa — o caso Bandeira — é o ponto mais alto que a poesia brasileira alcançou, “enquanto cenáculo em que se deslinda a subjetividade, que é a um só tempo individual e coletiva, pública e privada, por onde a poesia necessariamente tem que passar”.

Para o especialista, esse precioso legado poético não se apresenta, por exemplo, como objeto de consumo ao leitor contemporâneo brasileiro — e essa “incapacidade” de ser permeável por vários meios instantaneamente talvez seja um bom índice de sua força, que se nega



a ser regateada como uma coisa qualquer. “Não adianta reproduzi-la em várias mídias ou em sucessivas redes sociais. Num momento conservador e obscuro tal como o que vivemos, a poesia de Bandeira pode servir de lenitivo à cegueira geral, porquanto de luz traz consigo”, argumenta.

Correia acredita que mesmo se jogassem uma bomba atômica no Brasil, ou o continente sul-americano fosse inundado por um dilúvio, o legado poético de Bandeira sobreviveria como uma representação bastante razoável do nosso país e do nosso tempo: “Até porque aquela poesia ultrapassou guerras e ditaduras, falando de becos, carnavais e esperanças perdidas por uma ‘vida que poderia ter sido e que não foi’, como diz de seus versos mais conhecidos”.

Autor de uma dissertação que trata do legado de Manuel Bandeira, estudo defendido na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Thiago Pininga tem a impressão de que a cultura brasileira necessita estar à altura de um poeta como Manoel Bandeira para que, talvez, possa ser como ele: cosmopolita e atualizada. “Falar de Bandeira é falar de um poeta que encarnou a ideia de uma poesia atualizada e cosmopolita. Isso é um aprendizado para a nossa cultura, muitas vezes provinciana, incipiente ou mesmo retrógrada.” ■

Museu de Literatura Brasileira Fundação Casa de Rui Barbosa



“Arte de amar”

Poema do livro *Belo belo* (1948)

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma,
A alma é que estraga o amor.
Só em Deus ela pode encontrar satisfação.
Não noutra alma.
Só em Deus — ou fora do mundo.

As almas são incomunicáveis.

Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.
Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

PERFIL DO LEITOR | ALY MURITIBA

Divulgação





Profanar não é problema

Revelação do cinema nacional, o diretor acompanha a produção literária contemporânea e prepara adaptações para livros de Daniel Galera, Lourenço Mutarelli e Raphael Montes

OMAR GODOY

A história do cinema no Brasil passa, obrigatoriamente, pelos livros. De *Vidas secas* (1963) a *Cidade de Deus* (2002), de *Dona Flor e seus dois maridos* (1976) a *Carandiru* (2003), boa parte dos filmes nacionais mais populares de todos os tempos é baseada em obras literárias. Essa tradição inclusive já foi assunto de uma reportagem do **Cândido** (edição 14, publicada em setembro de 2012) em que realizadores, críticos e pesquisadores discutiram a importância da literatura para o audiovisual brasileiro e destacaram as melhores adaptações já produzidas.

Revelação recente do cinema nacional, o baiano Aly Muritiba, de 37 anos, está prestes a engrossar a lista dos diretores que recorreram aos livros para se inspirar. Depois de chamar a atenção com filmes como o curta-metragem *A fábrica* (pré-indicado ao Oscar de 2013) e o longa *Para minha amada morta* (premiado nos festivais de Montreal e Brasília), ele atualmente trabalha em nada menos do que três adaptações literárias: *Barba ensopada de sangue* (Daniel Galera), *Jesus Kid* (Lourenço Mutarelli) e *O vilarejo* (Raphael Montes) — neste último apenas como roteirista.

“Essa tradição de adaptar livros é muita antiga e precede a invenção do roteiro como conhecemos hoje. Muitos autores de peças e romances escreveram os primeiros filmes da História. É um fenô-

meno que advém do fato de que o cinema 'tradicional', aquele narrativo, que conta uma história, nasceu nos rastros da literatura, arte que precede o cinema em milênios”, afirma o cidadão de Mairi, no sertão baiano, mas radicado em Curitiba desde 2005.

Com cerca de 15 mil habitantes, a cidade sequer tinha cinema quando Muritiba saiu de lá, aos 17 anos. A única forma de “viajar no tempo e no espaço”, como ele diz, era lendo os poucos livros a que tinha acesso. “Não havia algo que se assemelhasse a uma biblioteca na minha casa. Sou filho de proletários não muito letrados, então a prioridade era o trabalho”, conta. Sua avó, no entanto, tinha alguns clássicos brasileiros mal conservados e uma enciclopédia *Barsa* — o suficiente para fazer o garoto decolar. “Eu era encantado com as gravuras de dinossauros nos volumes da enciclopédia, por isso comecei a lê-los.”

O diretor cita *O Guarani* (José de Alencar) e *Macunaíma* (Mário de Andrade) como obras marcantes em sua primeira fase como leitor. Mas o primeiro livro que realmente o emocionou foi *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. “Me fez chorar, me fez querer ter uma cadela para chamar de Baleia, me fez sentir orgulho de ser sertanejo... E me fez ter pena do papagaio da minha avó”, brinca, fazendo referência a uma passagem, digamos, gastronômica, do romance publicado em 1938.

Na adolescência, enquanto tocava em uma banda de rock e devorava todos os lançamentos de Paulo Coelho, descobriu um livro crucial para sua trajetória: *O queijo e os vermes — O cotidiano de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Escrita em 1976 pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, a obra mostra a perseguição sofrida por um camponês considerado herege pela Igreja Católica no século XVI. É considerada um dos pilares da escola conhecida como “micro-história”, baseada na análise de elementos do passado a partir de uma escala mais reduzida (como, por exemplo, relatos de personagens anônimos).

“Esse livro mudou a minha vida, no sentido de me empurrar depois para o estudo de humanas. Tornei-me historiador por causa dele”, revela Muritiba, formado na Universidade de São Paulo (USP) e admirador dos estudos do britânico Eric Hobsbawm (autor da quadrilogia formada por *A era das revoluções*, *A era do capital*, *A era dos impérios* e *A era do extremo*). “Para mim, esses livros são essenciais para entender a história contemporânea do Ocidente. Até hoje volto a eles”, conta o cineasta, que, além de professor, já foi atendente de farmácia, bilheteiro do metrô de São Paulo, bombeiro e agente penitenciário.

Atualmente, Muritiba acompanha a chamada “literatura brasileira contemporânea”, especialmente a produzida por

autores jovens. Seus prediletos são Joca Reiners Terron (“Ele encontra beleza e poesia no cotidiano”) e os já citados Raphael Montes (“A literatura dele tem crueldade e concisão”) e Daniel Galera (“Pela qualidade dos diálogos e profundidade dos personagens”). Voltamos, então, ao assunto das adaptações para o cinema.

“É uma tarefa árida, pois é preciso entender os limites e potências de cada mídia. Ao mesmo tempo, é desafiador tentar encontrar o meu ponto de vista, minha autoria, a partir de algo já posto. Parto do princípio de que o autor do livro é o outro, o do roteiro sou eu. Portanto, profanar não deve ser um problema”, diz o cineasta, que cita *Abril despeçado* (de Walter Salles, inspirado no romance homônimo de Ismail Kadaré) como sua adaptação nacional preferida.

Sobre a versão de *Barba ensopada de sangue*, um dos romances mais comentados dos últimos anos, Aly Muritiba só adianta que o filme já tem orçamento garantido e começa a sair do papel no primeiro semestre de 2017 (o lançamento está previsto apenas para 2018). Enquanto isso, ele segue para o Uruguai, onde fica até final deste ano envolvido com a série *O hipnotizador*, produção da HBO com episódios assinados por diretores latino-americanos. Coincidência ou não, o projeto também é uma adaptação — mas, desta vez, de uma história em quadrinhos. ■

POEMAS | ADRIANA LISBOA

DOIS POEMAS COM JOHN CAGE

2

1

No lugar mais silencioso do mundo

ruge-ruge o ruído da vida

o homem é feito de sangue e neurônios

que cantam sua própria música

sem partitura ou I Ching

o silêncio não existe:

forma é vazio

vazio é forma

e tudo isso cabe no intervalo

de quatro minutos e trinta

e très

segundos.

Um cogumelo

é um cogumelo é um cogumelo

em Stony Point havia enorme variedade deles

e quanto mais os estudava

mais tinha dificuldade em identificá-los

um cogumelo

tão-só

um cogumelo

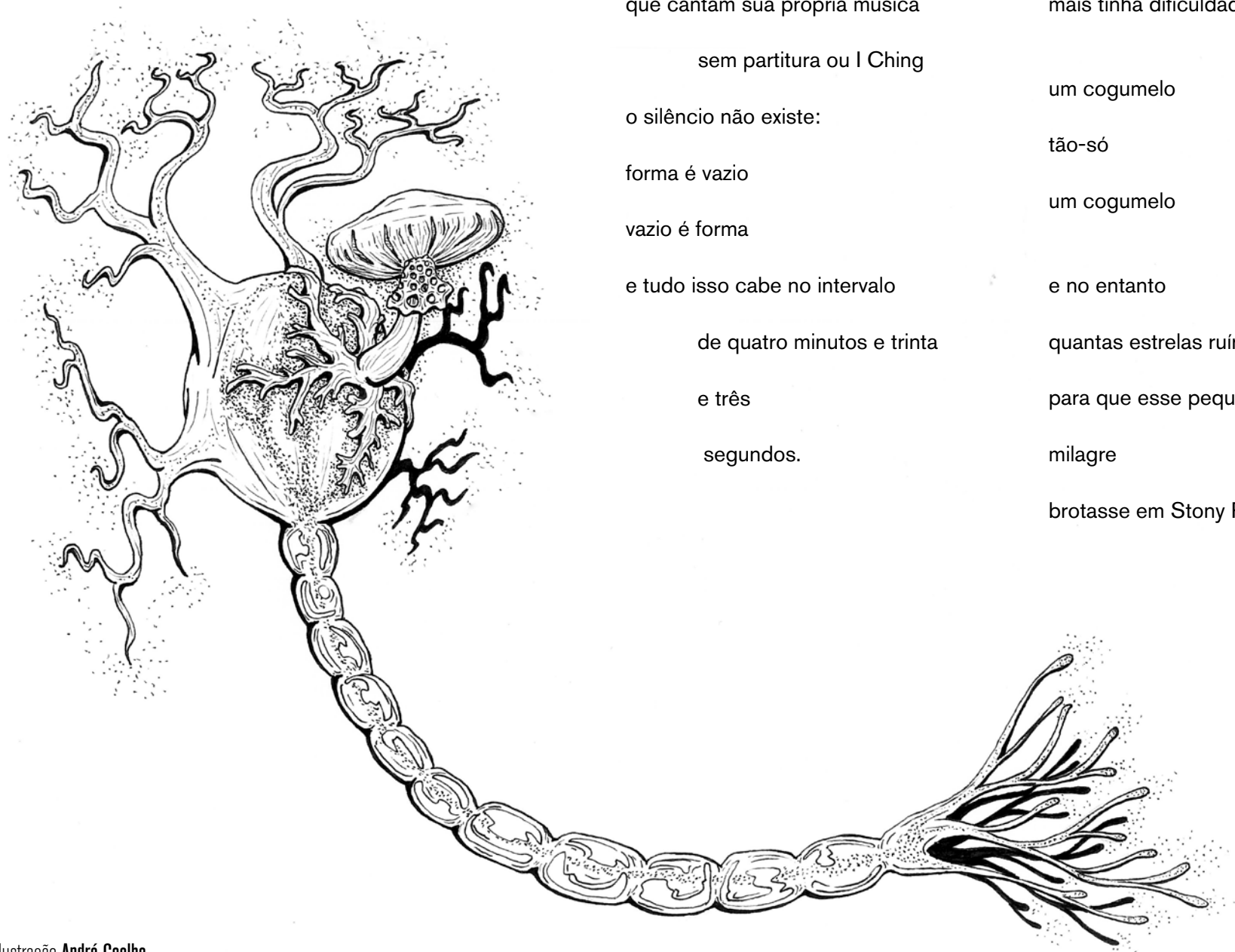
e no entanto

quantas estrelas ruíram

para que esse pequeno e necessário

milagre

brotasse em Stony Point.





CORTINA

A cortina se estufa

quarto adentro como se viva

a primeira trovoada

reboa lá fora

o cachorro corre e

se esconde na escada

escura

a cortina se estufa

como se animada por dentro

da trama do tecido

o fole de um pulmão

que sugere:

nada mais

urgente do que inspirar

este momento

(nada:

nem mesmo um cortejo inteiro

de notícias ou poemas)

este momento

a tempestade em prelúdio

e o sopro

de lilases

que ela traz.

A UMA CALÇA JEANS

Eu te peço desculpas pela

lambança da bainha

pesquisei o passo

a passo mas a agulha é muito

pequena a linha é muito fina

e minhas mãos se impacientam demais

outras calças que tive no passado

desfrutaram da costura contemplativa

que minha mãe lograva — talento que não

herdei embora tenha tentado (agulhas

de tricô aos dez anos inclusive)

minha destreza não passa

de um emaranhado de linhas

para a emergência de um botão

sinto muito calça jeans

parece que seguiremos

tropeçando juntas em nossas

costuras mal-ajambradas

enquanto ainda coubermos uma na outra

e o tempo

condoído

ainda couber em nós.

A FUNÇÃO DAS COISAS

Nos objetos fabricados pelos tuaregue

com seus poucos recursos

para o uso cotidiano

bolsas

selas de camelo

tendas

seria de se supor alma seca

alinhavada pela funcionalidade

no entanto eles os fabricam

intrincados

coloridos

lindos

com seus poucos recursos

cunhando

do deserto

um carnaval

 **ADRIANA LISBOA** nasceu no Rio de Janeiro. É autora de seis romances, uma coletânea de contos e quatro livros infantojuvenis. Recebeu, entre outros, os prêmios José Saramago, pelo romance **Sinfonia em branco**. Seus livros foram publicados em 12 países. Os poemas publicados no **Cândido** fazem parte do livro Uma pequena música, que será lançado no primeiro semestre de 2017 pela editora Iluminuras. Adriana vive nos Estados Unidos.

REPORTAGEM

Arquivo da Família



O escritor e publicitário Jamil Snege (terceiro da direita para esquerda) com a equipe de atores do comercial "Kid Malu", peça feita a pedido da extinta loja de materiais de construção, móveis e brinquedos Malucelli da Visconde.

Arte aplicada

O mercado publicitário de Curitiba, assim como em outras capitais brasileiras, tem em sua história um capítulo escrito por artistas e escritores — como Paulo Leminski e Jamil Snege — que, ao aplicarem sua arte a serviço da propaganda, ajudaram a colocar a capital no mapa da publicidade brasileira

KAYPE ABREU

As agências de publicidade de Curitiba já contaram com mão-de-obra quase que inteiramente artística. Na década de 1960, o crescimento do varejo formou um ambiente propício ao mercado publicitário, que cresceu junto com a economia. Como não havia cursos de comunicação na época — o primeiro a surgir no Paraná foi o de jornalismo, em 1964 —, quem se aventurou pela publicidade foram artistas gráficos, escritores e graduados em outras áreas.

A capital paranaense tinha um mercado menos profissionalizado que São Paulo e Rio de Janeiro, cidades onde escritores também trabalhavam na publicidade. No Rio, por exemplo, o escritor Antônio Torres, o poeta e músico José Carlos Capinam e o escritor e roteirista Leopoldo Serran, em algum momento de suas carreiras,

trabalharam em agências. “As pessoas que se envolviam na área entendiam muito de diferentes assuntos”, diz o jornalista, escritor e publicitário Ernani Buchmann, que trabalhou como redator e foi proprietário de agências de publicidade em Curitiba.

O publicitário José Dionísio Rodrigues — um dos sócios fundadores da Opus, que mais tarde se fundiu com a Múltipla e até hoje atua no mercado curitibano — conta que, há meio século, o ambiente era um tanto informal. Num tempo em que não havia departamento de marketing, os donos das empresas lidavam diretamente com as agências. “O pessoal criava muito fora do ambiente de trabalho. Eles iam para um *happy hour* e voltavam com a campanha pronta”, diz.

Era um ambiente propício para quem também precisava escrever, pintar

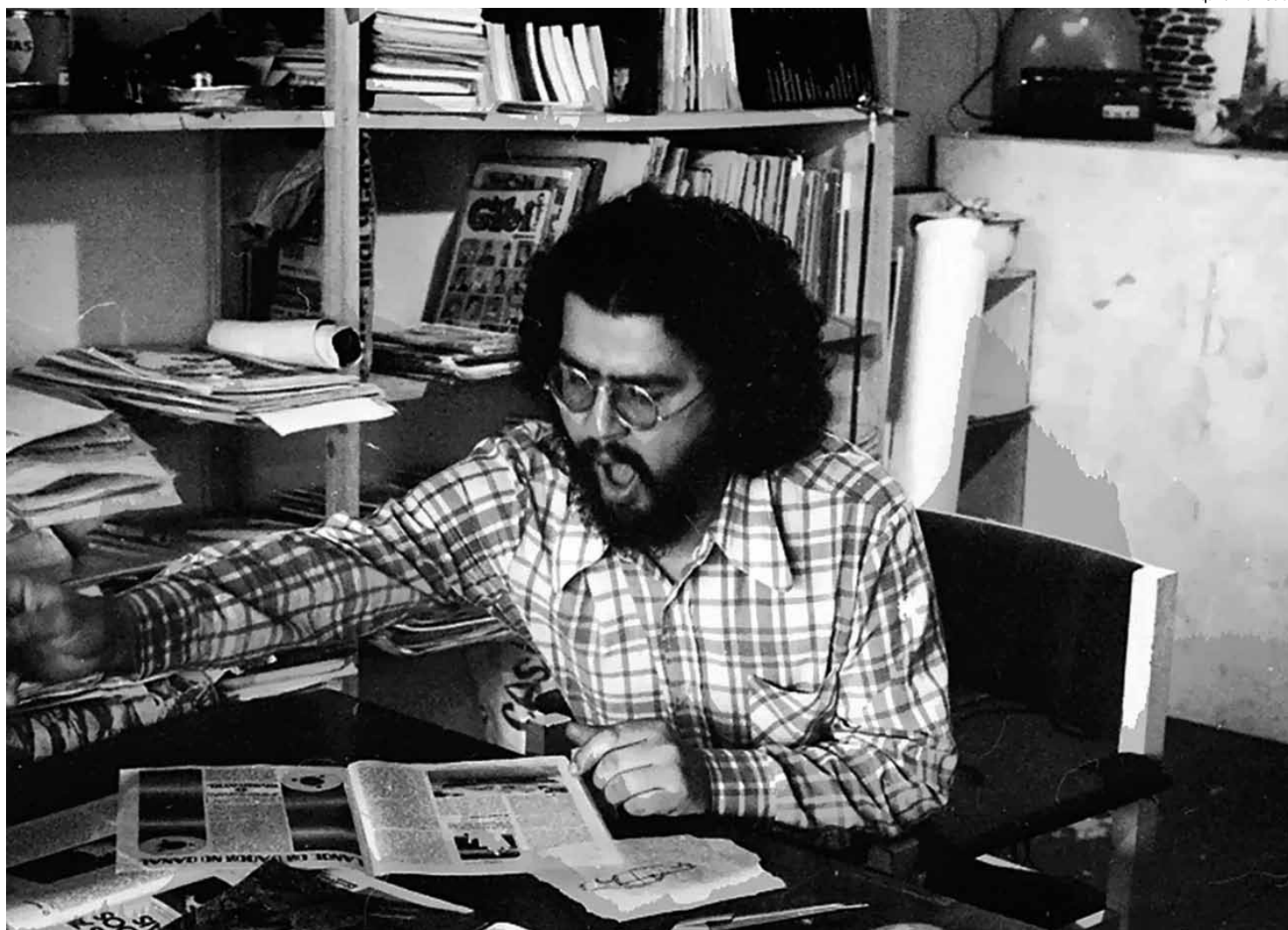


Reprodução

Kid Malu, criação de Jamil Snege, era interpretado por Francisco Di Franco, que na época vivia o protagonista da novela *Jerônimo, o herói do sertão*, na TV Tupi

“O que todos queriam naquele tempo, como agora, era um troco para viver bem. O que não havia eram especialistas, como hoje”

Antonio Cescatto, escritor e publicitário.



O artista plástico Luiz Carlos Rettamoza, que trabalhou em parceria com Paulo Leminski e Luiz Solda nas agências Umuarama e Múltipla.

ou mesmo atuar. Funcionários de agências como P.A.Z, Exclam e Equipe dividiam a atividade artística com a propaganda — inclusive, trabalhavam no regime de meio período. O publicitário Maurício Távora, por exemplo, também era ator e, à noite, ensaiava para suas peças. Já Paulo Leminski (1944-1989) ia para a agência à tarde e, ao anoitecer, cultivava a vida boêmia que, em alguma medida, rendia material para sua poesia.

Daquele contexto surgiram campanhas emblemáticas, como a da antiga Malucelli da Visconde — loja de materiais de construção, móveis e

brinquedos. A peça publicitária de 1979 — realizada pela Opus, com criação de Jamil Snege — apresentava um cowboy chamado Kid Malu — interpretado por Francisco Di Franco que, na época, era um dos destaques na novela “Jerônimo, o herói do sertão,” exibida pela TV Tupi. No comercial, o Kid Malu combatia o Sombra, o “inimigo popular”, interpretado pelo ator Paulo Domingues.

A campanha entrou no imaginário popular por, entre outros motivos, ser uma das primeiras a trabalhar com o conceito de comunicação integrada — veiculada na TV, imprensa e com a presença do

personagem nos pontos de venda —, modelo atualmente recorrente e imprescindível na propaganda. O fato de ter sido filmada no centro da cidade também foi um dos fatores decisivos para o seu sucesso. “Imagine um herói do oeste andando a cavalo em plena Rua XV de Novembro”, lembra Rodrigues. “A inflação estava numa janela de um dos prédios, armada para matar o herói”, completa.

Faculdade

O cartunista e poeta Luiz Solda acredita que, para quem se envolvia com publicidade naquela época, a experiência

era o equivalente a fazer um curso superior. O artista gráfico César Marchesini diz que o ambiente era singular. “Provavelmente, o único lugar que se propunha a ser um manicômio com estrutura necessária para segurar gênios como Desidério [Pansera], [Luiz] Rettamozzo, [Paulo] Vítola, Rogério Dias, entre outros”, afirma.

Além de colaboradores “não formados” e envolvidos com as artes, havia também aqueles graduados em diferentes áreas. Ernani Buchmann, por exemplo, estudou Direito. Já o escritor Antonio Cescatto — que entrou para a publicidade no anos 1980 e hoje é diretor de criação da Heads — frequentou a faculdade de Medicina. “Era uma gente muito curiosa”, diz Cescatto.

Buchmann conta que a literatura era uma das principais referências para os publicitários daquele período e, por isso mesmo, muito do que era produzido tinha forte apelo textual. Para

comprovar o que diz, ele cita um trabalho em que escreveu quatro pequenos contos para serem veiculados na revista *Veja*, acompanhados de ilustrações do Poty Lazzarotto — o conteúdo fazia parte de uma campanha para a Volvo. “Havia, nessa peça, uma influência muito forte de Dalton Trevisan”, diz, referindo-se à parceria entre o contista e o ilustrador curitibano.

Esse tipo de trabalho, realizado em parceria — muito presente hoje nas agências — já era praticado naquela época. Solda conta que era comum, no trabalho que realizava com Leminski e o artista plástico Luiz Carlos Rettamozzo, uma ideia começar com um deles, ser desenvolvida pelo segundo e finalizada pelo terceiro. “O importante era entregar o trabalho. Não importava em que circunstância era feito”, diz o artista gráfico, que trabalhou com Leminski e Rettamozzo nas agências Umuarama e Múltipla.

Culto e pop

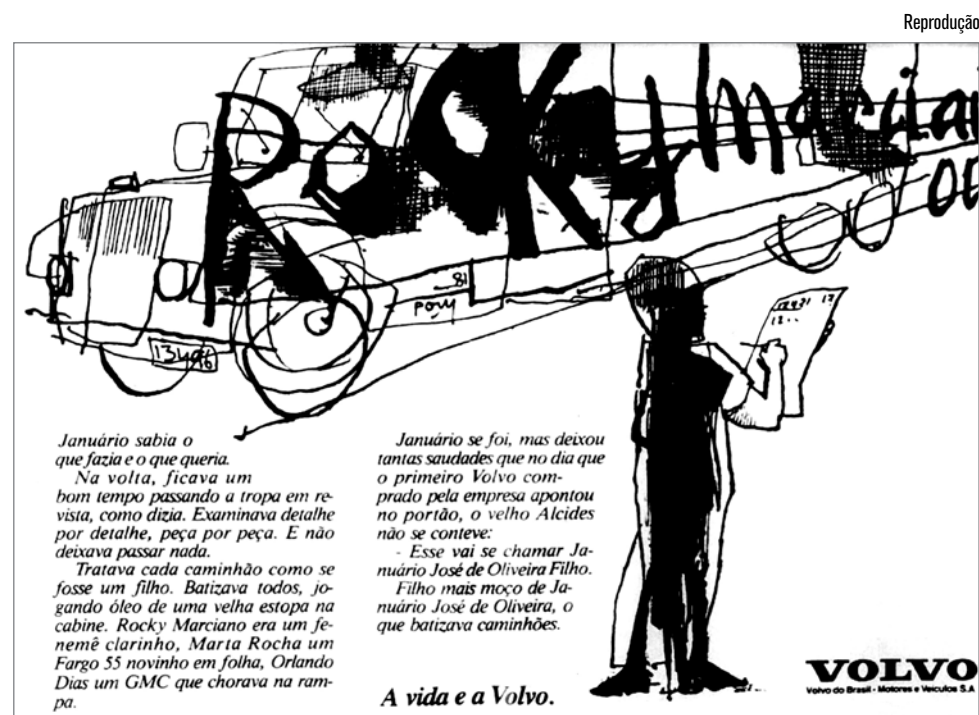
Ser um bom artista não implicava necessariamente em ter facilidade com a propaganda, defende Cescatto. “Conheci pessoas que eram excelentes no campo das artes, mas que não se deram muito bem com a publicidade”, afirma. Para ele, os artistas que se envolviam com a publicidade trafegavam entre o culto e o pop. “Não eram ortodoxos. Eles procuravam o diálogo entre os campos.”

Leminski é lembrado como uma das pessoas que melhor transitava nas duas frentes. “Ele não se considerava publicitário, mas é autor de sacadas como: ‘A Galvão acha fácil o imóvel que você acha difícil’”, diz Buchmann, referindo-se ao slogan que o poeta fez para uma imobiliária. “Ele costumava dizer, em tom de brincadeira, que eles [os donos das agências] nos pagavam para que nós nos divertíssemos”, lembra Solda.

Para Rodrigues, as agências eram o melhor lugar para os artistas trabalharem

porque permitiam que eles exercessem o talento e ainda fossem bem remunerados. “Costumo falar que, no fundo, é uma arte aplicada. Ou seja, eu ponho a arte a serviço dos negócios”, diz. “O talento é a matéria-prima da comunicação”, completa.

Mesmo com todo o talento, a geração de publicitários que teve, entre outros, escritores como Leminski e Sene já não pertence mais ao mercado. A mudança no ambiente foi tanta que afastou esse pessoal. O próprio Solda, já nos anos 2000, voltou a trabalhar em uma agência, mas não gostou do que viu. “Me pareceu um ambiente menos criativo e frio, com todo aquele pessoal usando fones de ouvido em frente de seus computadores”, opina. Já Cescatto, segue por outra linha: “Não acho que a época do Leminski e de outras figuras era mais romântica”, opina. “O que todos queriam naquele tempo, como agora, era um troco para viver bem. O que não havia eram especialistas, como hoje.” ■

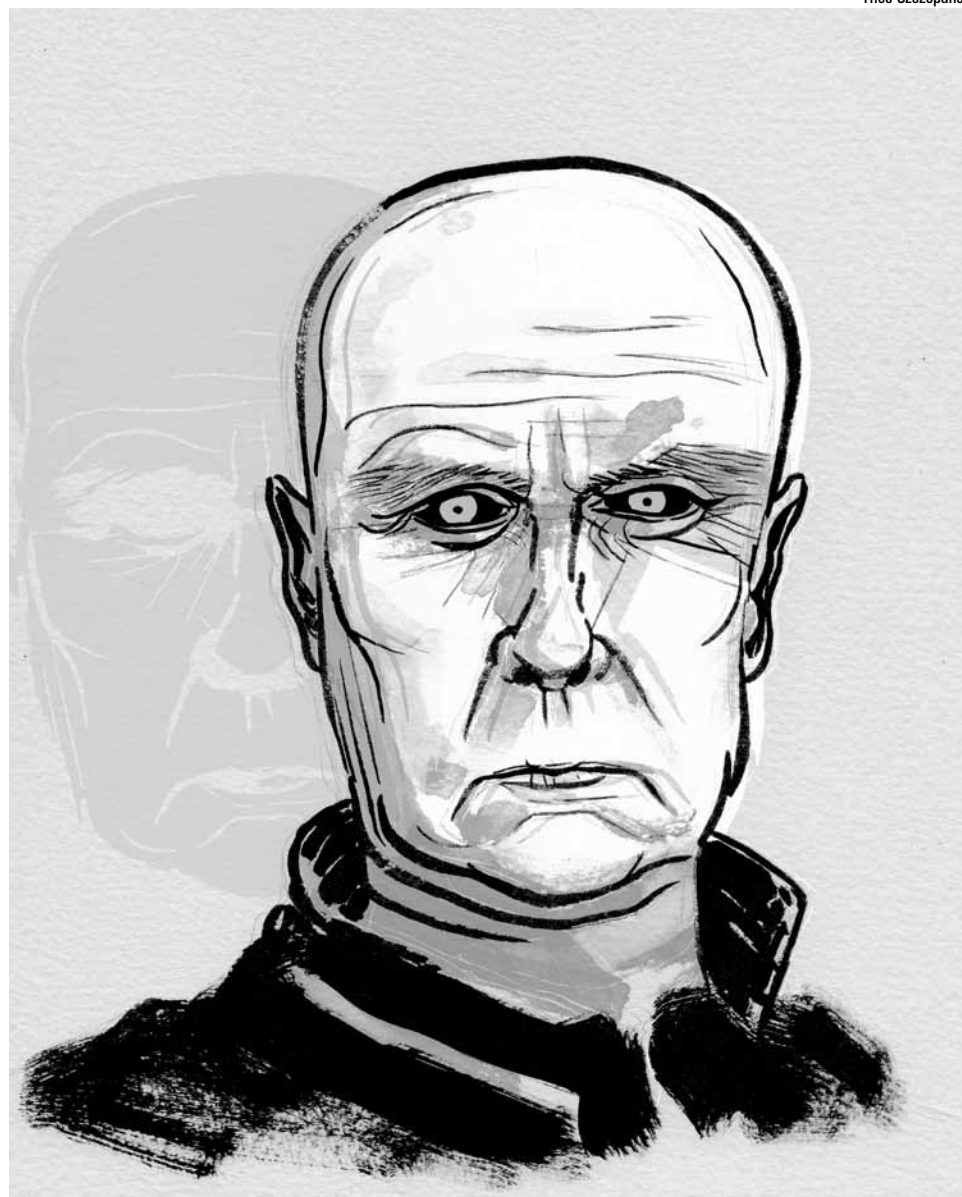


Buchmann, em campanha para a montadora Volvo, escreveu quatro pequenos contos, veiculados na revista *Veja*, em 1981. Influenciadas pela prosa de Dalton Trevisan, as peças eram acompanhadas de ilustrações de Poty Lazzarotto, o artista que produziu inúmeras capas para livros do Vampiro de Curitiba.

Da farra da resistência ao afeto da subversão

O jornalista **Bruno Cobalchini Mattos** analisa a obra do polêmico escritor escocês a partir do modelo social estabelecido no Reino Unido nos anos 1970 e intensificado no governo da primeira-ministra Margaret Thatcher

Theo Szczepanski

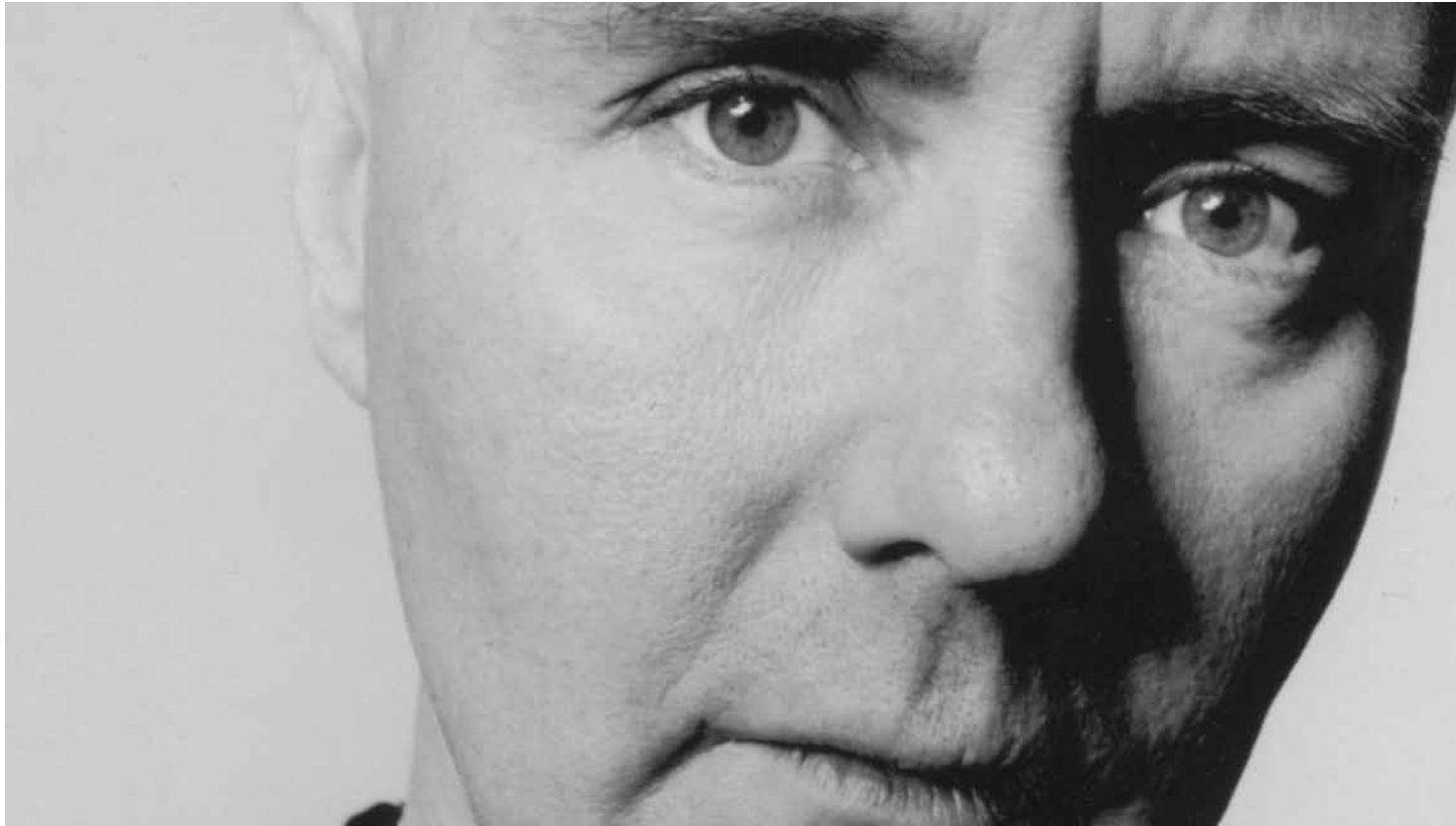


O *que aconteceu com nosso sonho de liberdade?* É este o subtítulo do documentário *The trap* [A armadilha], dirigido por Adam Curtis e produzido pela rede britânica BBC em 2007. Dividida em três episódios, a série televisiva investiga a filosofia por trás de um modelo social que, no Reino Unido, atingiu seu ápice a partir do governo da primeira-ministra Margaret Thatcher (1925-2013). Logo de partida, o filme aponta que “nosso governo [britânico] estabeleceu como meta criar um mundo onde estaríamos livres do controle das velhas elites e burocracias. Um novo mundo onde seríamos livres para escolher nossas vidas, sem ficarmos presos a nossa renda e classe social ou a papéis pré-determinados”.

Este novo modelo social partia do princípio de que cada cidadão buscava apenas o benefício próprio. A noção de “dever social” era vista como mera hipocrisia, uma máscara usada pelos indivíduos na busca por seus próprios objetivos. Nesse contexto, reformas foram feitas para que o Estado abdicasse de qualquer tipo de intervenção direta na sociedade; seu papel passou a ser o de fiscal de metas, cobrando produtividade de seus funcionários, estabelecendo metas de punição



Divulgação



e recompensa conforme o seu desempenho e atendo-se a índices numéricos capazes de mapear setores como saúde, educação e segurança. A ação política, considerada ideologicamente ultrapassada, deu espaço ao mercado e ao consumo — estes sim vistos como ferramentas capazes de garantir a liberdade de cada indivíduo.

A nova filosofia de gestão se espalhou pela maioria dos países do mundo ocidental, influenciando diretamente seus cenários políticos. No entanto, o autor do documentário (conforme indica o próprio título) defende que o resultado verificado após duas décadas era o oposto do esperado. Ao invés de maior liberdade, verificou-se um controle progressivo do Estado sobre seus cidadãos, que deviam se adequar às metas propostas a qualquer custo. O mesmo modelo que propunha libertar os indivíduos tornara-se extremamente repressivo quando estes não correspondiam ao que se esperava deles, fosse nas notas escolares,

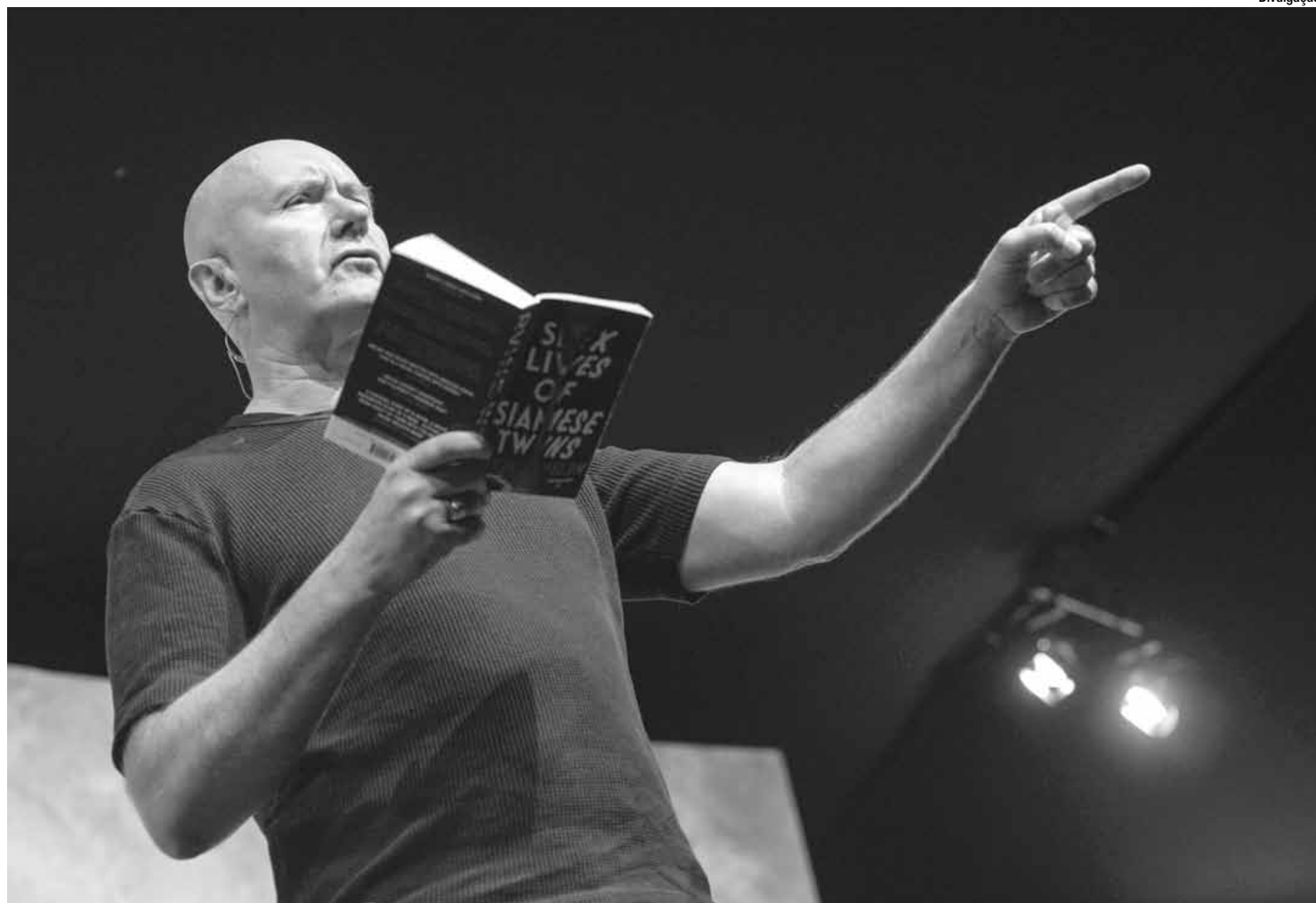
na estabilidade no emprego ou no número de passagens pela polícia.

É aí que entra a obra do escritor e roteirista escocês Irvine Welsh. A crise social retratada em *The trap* é o pano de fundo de seus trabalhos mais conhecidos (a trilogia de romances composta por *Skagboys*, *Trainspotting* e *Pornô*), e a crítica às bases desse sistema é uma constante em todos os seus livros. É difícil pensar em um retrato mais preciso das contradições apontadas em *The trap* do que esta citação de Mark Renton, um dos muitos narradores de *Trainspotting*:

“A sociedade inventa uma intrincada lógica falsa para absorver e mudar as pessoas que têm um comportamento fora do normal. Suponhamos que eu conheça todos os prós e contras, que saiba que terei uma vida curta, que tenho uma cabeça no lugar, etc., etc., mas que ainda assim queira usar heroína. Eles não vão deixar. Não vão deixar porque isso é visto como um sinal de seu próprio fracasso. O fato de você simplesmente escolher

rejeitar o que eles oferecem. Nos escolha. Escolha a vida. Escolha pagamentos de hipoteca. Escolha máquinas de lavar. Escolha carros. Escolha ficar num sofá assistindo a programas de auditório que atrofiam a mente e esmagam o espírito, enfiando uma merda de *junk food* goela abaixo. Escolha apodrecer mijando e se cagando em casa, um constrangimento total pros pirralhos egoístas e fudidos que você gerou. Escolha a vida. Bem, eu escolho não escolher a vida. Se os viados não conseguem lidar com isso, a porra do problema é deles.”

Claro que não é coincidência que Welsh tenha nascido em Edimburgo em 1957 e ingressado na vida adulta justamente naquele período tão conturbado da história política do Reino Unido. Em muitas entrevistas, o escritor ressaltou que o ambiente assustador e violento da trilogia iniciada em *Trainspotting* baseia-se amplamente na realidade que ele vivenciou durante a juventude. Nos livros, o que se vê



Welsh, que esteve na 14ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), lê trecho de seu mais recente livro publicado no Brasil, *A vida sexual das gêmeas siamesas*.

é um grupo de amigos com idade para ingressar no mercado de trabalho mas que, ao invés disso, passa seus dias brigando em bares, consumindo heroína e outras drogas, buscando maneiras de burlar o seguro desemprego e planejando crimes das mais diversas naturezas para arranjar algum dinheiro. Não raro, passam a perna uns nos outros; sua afinidade parece vir apenas de sua condição compartilhada de rejeito social. São, em resumo, os cidadãos menos distintos do Reino Unido.

É importante frisar que os romances de Welsh estão longe de ser panfletários. São radicalmente críticos, mas não do tipo que oferece alternativas ou respostas fáceis. Pelo contrário:

a maioria de suas obras apresenta múltiplos narradores com pontos de vista antagônicos. São mosaicos anárquicos de vozes (às vezes, mais de uma dezena) sem uma identificação explícita de quem está falando. Este é o grande trunfo estético do autor: após determinado ponto de cada romance, é possível reconhecer de imediato os narradores-protagonistas por seu ritmo, seu léxico, sua dicção — características que servem também para ressaltar a idiossincrasia de cada um dos personagens.

Assim, mesmo nos discursos mais violentos e sarcásticos (na superfície, a literatura de Welsh costuma ser engraçadíssima), o leitor compreende pouco a pouco as motivações por trás do ódio

manifesto, que invariavelmente remete a um sentimento difuso de inadequação dos narradores ao ambiente onde vivem. *Crime* (publicado em 2008, quinze anos após *Trainspotting*) talvez represente o ápice dessa experiência de leitura. Por ser narrado em segunda pessoa, faz com que o leitor partilhe da angústia de Raymond Lennox, o detetive-inspetor à beira da depressão que foge para a Flórida em uma tentativa de escapar da forte carga emocional de sua rotina de trabalho. Como acontece com os protagonistas de *Trainspotting*, a incapacidade de enfrentar esta realidade acaba levando a um comportamento autodestrutivo, do qual ele só consegue se

Reprodução



No filme *Trainspotting*, Welsh atua como o traficante Mikey Forrester.

esquivar ao resgatar uma garota de dez anos de uma tentativa de estupro.

A essa altura, é possível elencar algumas constantes na obra de Welsh: vozes originais, personagens egoístas e desesperados, rejeição a uma sociedade massificadora. Passados mais de 20 anos de carreira, o escocês continua explorando estas mesmas temáticas. Em seu livro mais recente, *A vida sexual das gêmeas siamesas*, ele revela uma capacidade de se reinventar sem, contudo, abrir mão das características que dão coesão à sua obra.

O romance tem como protagonista Lucy Brennan, uma *personal trainer* cuja vida é transformada quando um homem a pé corta a frente de seu carro.

Lucy salta do carro e vê que o homem foge de um atirador. Ela parte para cima do agressor e o imobiliza. A ação é filmada por Lena Sorenson, uma artista plástica que também estava no local, e o vídeo acaba nos noticiários. Após o episódio, Lena (que está acima do peso ideal) decide ter aulas com Lucy e a relação das duas acaba se aprofundando.

Faces opostas da mesma moeda, Lucy e Lena são personagens tipicamente welshianas. A primeira mede o mundo em números, personificando o sistema de coerção que em outros livros do autor cabe ao governo. Conta calorias, séries de treino, minutos de exercício aeróbico. Esquece o nome de outras pessoas, mas jamais sua altura ou peso.

Reprime alunos que falham em cumprir suas metas, sem jamais inserir seus problemas pessoais na equação. Lena, por sua vez, é o arquétipo do indivíduo desesperado por ser incapaz de se adequar a esses números. O fato de ser uma artista plástica de grande aceitação no mercado (e, portanto, rica) não é suficiente para compensar a rejeição parcial de sua família e as frustrações de sua vida pessoal.

Aos olhos de Lucy, todos os problemas de Lena se resumem a certa frouxidão, que também a impede de perder peso. Sua irritação cresce com o passar das semanas, até que, movida por um ímpeto ensandecido, decide manter a artista em cativeiro até que perca

ESCREVENDO DE OUVIDO

Bruno Cobalchini Mattos

Os contos e romances de Welsh são marcados pela originalidade das vozes de seus personagens. O escocês tem uma capacidade extraordinária de reproduzir o ritmo, as gírias e as construções fonéticas das ruas, sejam estas do Leith, bairro proletário de Edimburgo onde cresceu, das regiões mais abastadas da capital escocesa ou de Miami, onde reside atualmente. A abordagem casa perfeitamente com as referências à cultura de massa (filmes, música popular, apresentadores de televisão) que abundam em suas páginas. Irvine Welsh é um autor pop e não tem nenhuma vergonha de sê-lo.

Durante a última Feira Literária Internacional de Paraty (FLIP), mediei uma mesa que contou com a participação do escocês e de Daniel Pellizzari, também escritor e um de seus tradutores no Brasil. Welsh se mostrou muito mais descontraído nessa conversa, que integrou a programação paralela da Casa Rocco, do que na mesa oficial da FLIP, realizada no dia anterior. (Mais tarde, entre caipirinhas em uma mesa de bar, revelou que isso se devia a certo mal-estar com a formalidade do evento. “Não estou acostumado. Prefiro ter as pessoas mais próximas, conversar com o público, fazer piadas, falar palavrões.”)

Na conversa, o autor observou que esse modo de escrever surgiu de forma bastante natural. Os trejeitos na fala são os mesmos de seus amigos de Edimburgo, e também dele próprio. Ele ressaltou que a linguagem hermética do livro não é estranha apenas ao público brasileiro. “Na semana passada, eu estava em Edimburgo com meus amigos, e são tantas gírias, tantas expressões, que quase entendo mais vocês falando português do que eles quando estão no bar”, brincou.

As bandas, músicos e canções citadas também são os mesmos que ele escutava desde que esteve envolvido com a cena musical de Manchester, quando também testemunhou o surgimento do gênero de música eletrônica *acid house*. Perguntado sobre como, estando tão imerso no meio musical, ele acabou se tornando escritor ao invés de músico, saiu-se com uma resposta simples: “Tentei ser músico. Diversas vezes. Mas eu não era bom”.

Divulgação / Rocco



Em evento promovido pela editora Rocco na Festa Literária de Paraty (FLIP) deste ano, Irvine Welsh (de gorro) conversa com Bruno Cobalchini Mattos (no centro) e com o tradutor Daneil Pellizzari.

30 quilos. Acorrenta-a em um apartamento vazio repleto de equipamentos de ginástica e controla rigorosamente a sua alimentação. Além dos exercícios, a única distração de Lena passa a ser a televisão, onde o caso de gêmeas siamesas (aquelas do título) em conflito por causa do namorado de uma delas é exposto em programas de variedades.

O caso das gêmeas surge como metáfora última para a falência de um modelo guiado pelo individualismo. Uma deseja sair com o namorado, a outra não. Não havendo qualquer tipo de acordo ou concessão, impõem-se limitações de ordem física, e a única solução aparente é uma cirurgia de separação da qual é praticamente impossível que as duas saiam vivas. Lena demonstra uma angústia crescente conforme o caso se desenrola em cadeia nacional, e o paralelo entre a situação das irmãs e a relação de interdependência que ela estabeleceu com a *personal trainer* é inevitável.

Enquanto isso, fora do apartamento, Lucy responde e-mails no lugar de Lena, expondo aos pais de sua prisioneira mágoas alimentadas secretamente durante anos (os conflitos são destrinchados em trechos do diário da artista, ao qual o leitor tem acesso ente um capítulo e outro). É um tratamento de choque tão extremo quanto aquele que impõe sobre a forma física de Sorenson. Lucy também descobre o impacto que a conduta perversa de um ex-namorado teve sobre a autoestima de Lena — a história por trás de seus números inadequados.

Apesar da postura que exhibe em público, Lucy também guarda esqueletos no armário. Sua obsessão pela boa forma tem origem em um episódio traumático de sua adolescência, potencializado por uma relação emocional conturbada com o seu pai. Em



O autor no Leith, zona portuária de Edimburgo onde se passam várias de suas histórias.

um confronto final entre as duas protagonistas, todas essas informações enfim vêm à tona, e as duas acabam se tornando mais próximas do que jamais poderiam ter imaginado. Igualmente surpreendente é o desfecho do caso das gêmeas: as duas decidem não se submeter à cirurgia por medo de perderem uma à outra.

Um final feliz é exceção na literatura de Welsh, mas as páginas finais de *A vida sexual das gêmeas siamesas* corroboram a crítica social que dá coesão à sua obra. O encerramento é diferente porque a ação dos personagens é distinta. O documentário *The trap* sugeria que a ideologia predominante no mundo ocidental a partir dos anos 1980 possui uma grande falha: baseando-se na “Teoria dos jogos”, aposta no egoísmo de todos os cidadãos, sem levar em conta experimentos práticos que revelaram uma tendência dos indivíduos de colaborarem entre si. Em parte isso se devia ao clima político da Guerra Fria, em parte ao fato de que John Nash, o criador

da teoria, sofria de esquizofrenia paranoide no período em que a elaborou.

Com a cooperação descartada, o conceito de liberdade era compreendido como uma espécie de hedonismo, um mundo onde cada um faria somente o que lhe aprouvesse. Na literatura de Welsh, quando isso acontece, os resultados são os mais catastróficos. Por outro lado, em *A vida sexual das gêmeas siamesas*, esse *modus operandi* é superado através do diálogo e do esforço conjunto. Não por acaso, ao fim do livro, Lucy já não mede os outros pela ótica dos números; sua fala muda, passando a se basear nas potencialidades das narrativas pessoais. Essa mudança é uma forma de subversão, de resistência através da empatia; o mais próximo de uma “lição” que se pode extrair da obra do autor. Afinal, em meio a um rol de personagens marcantes por sua irreverência, imprudência e desprendimento, é muito significativo que o modelo mais sólido de liberdade surja justamente na vida daqueles personagens que se sentem melhor na presença de outros. ■

Bruno Cobalchini Mattos nasceu em Porto Alegre, em 1990, e atualmente reside em Foz do Iguaçu. É jornalista graduado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e estudou Letras e Tradução na Universidade Autônoma de Madri. Foi editor da revista virtual de crítica literária *Cadernos de Não Ficção* e já colaborou com os sites do Instituto Moreira Salles e das editoras Rocco e Cosac Naify, além de periódicos como o jornal *Zero Hora* e as revistas *Galileu* e *Superinteressante*.

Contracultura barra pesada

Trainspotting, o filme, completa 20 anos de lançamento com uma sequência anunciada para 2017 — e o desafio de conquistar uma nova geração de fãs

OMAR GODOY

Reprodução



O aniversário de 20 anos da estreia de *Trainspotting* nos cinemas trouxe uma notícia esperada há algum tempo pelos fãs: a sequência da história já está em produção e tem lançamento previsto para janeiro de 2017 no Reino Unido. Também baseado num livro de Irvine Welsh, e com a mesma equipe técnica e elenco do primeiro longa, *T2* certamente será um dos maiores lançamentos da próxima temporada. Mas o próprio Welsh, desta vez envolvido diretamente na realização do filme, tem dúvidas sobre o público que a continuação vai atingir.

Em entrevistas recentes, o escritor (e agora produtor executivo) tem repetido que o sucesso do novo projeto entre a audiência adulta está garantida. Os mais jovens, no entanto, podem identificar um tom saudosista na história e simplesmente ignorá-la. Nesse sentido, Welsh tem toda a razão. Afinal, *Trainspotting* é um dos símbolos mais fortes de uma contracultura totalmente fora de moda nos dias de hoje.

Em 1996, quando o primeiro filme estreou, o mundo pop andava meio



“feio, sujo e malvado”. Da violência sarcástica de *Pulp Fiction* ao rock barulhento e angustiado do Nirvana, boa parte da produção artística estava impregnada de niilismo, rebeldia, humor negro, escapismo via drogas, *bad boys* e *femmes fatales*. Ou seja: todos os elementos que o livro de Irvine Welsh, adaptado por Danny Boyle, tinham de sobra.

Com apenas um longa no currículo (*Cova rasa*, de 1994), o diretor fez sua grande apresentação ao mundo contando a saga de um grupo de amigos desocupados na Escócia do fim dos anos 1980. Sem perspectivas, eles passam os dias se drogando (especialmente com heroína), saindo para beber e cometendo delitos. Uma rotina inicialmente mostrada de forma cômica, mas que ganha contornos trágicos no decorrer dos acontecimentos. Ainda assim, não há lugar para o moralismo — algo impensável na obra de Welsh.

Ajudado pelo roteirista John Hodge (também presente em *T2*), Boyle transformou essa trama em uma narrativa frenética e de grande impacto visual. Não à toa, o filme é marcado por várias sequências memoráveis, seja pelo humor (às vezes escatológico) ou por beirar o surreal. Quem não lembra do mergulho de Renton (Ewan McGregor) na privada do banheiro mais imundo do planeta? Ou da cena em que ele se afunda num tapete durante uma viagem de heroína?

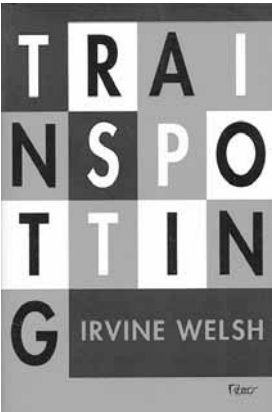
A trilha sonora foi outro trunfo de *Trainspotting*. Reuniu nomes quentes do *britpop* (Pulp, Elastica, Damon Albarn do Blur) e da cena eletrônica (Underworld, Leftfield, Bedrock) com artistas clássicos como Lou Reed, Iggy Pop e Brian Eno. Era raro encontrar um jovem “antenado” que não tivesse em casa pelo menos um dos dois CDs lançados com as músicas do longa.

Além de virar *cult* instantaneamente, o filme obteve um incrível retorno financeiro (custou 2 milhões de libras e arrecadou 72 milhões), ganhou diversos prêmios (a maioria concedida ao roteiro) e alavancou a carreira de todos os envolvidos na produção. Principalmente de Ewan McGregor, hoje um astro de cinema internacional, e Danny Boyle, vencedor do Oscar, do Globo Ouro e do BAFTA por *Quem quer ser um milionário?* (2008).

Apesar de todo esse sucesso, Irvine Welsh já revelou que esperava mais do legado de sua obra. Quando *Trainspotting* estourou mundialmente, ele acreditava estar presenciando o surgimento de um novo movimento artístico e comportamental britânico, puxado pelo longa, pelas bandas da trilha e por toda a geração de atores e técnicos revelada naquele momento. Não foi o que aconteceu. Segundo o

escritor, o filme acabou virando uma espécie de réquiem do Reino Unido pré-globalização. Mesmo assim, ele apostou em *Pornô* (2002), livro sobre o reencontro dos personagens e seu envolvimento com a indústria do cinema erótico — e que serviu de base para o *script* da continuação.

Com o mesmo time de 1996 e um orçamento muito maior (cerca de 13 milhões de libras), *T2* é, desde já, um forte candidato a *hit* de 2017. A não ser que, como teme Welsh, o argumento barra pesada não atraia a audiência jovem, acostumada com uma outra contracultura absorvida pelo mainstream nos últimos anos. Para a geração chegada em cicloativismo, alimentos orgânicos, produtos artesanais, programas ao ar livre e discussões de gênero, o universo sombrio e irônico de Welsh talvez seja extremamente degradante. ■

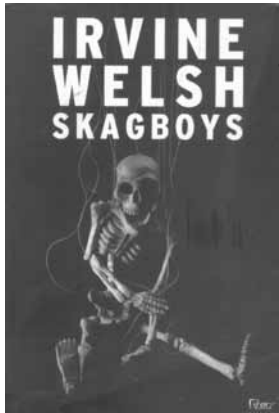


Trainspotting (1993)

Primeiro e mais popular livro de Irvine Welsh, *Trainspotting* deu as bases para a literatura altamente singular do autor escocês. Quase tudo que Welsh escreveu posteriormente encontra eco na história que ficou ainda mais conhecida por conta da adaptação cinematográfica de Danny Boyle: da narrativa alternada entre personagens à crítica ao modelo social da Grã-Bretanha, culminando nas referências pop tão bem empregadas pelo autor. O discurso em que o personagem Mark Renton se revolta contra a imposição do estilo de vida pequeno-burguês imposta pelo Ocidente virou um mantra estampado em camisetas no mundo todo. (“Escolha a vida. Escolha pagamentos de hipoteca. Escolha máquinas de lavar. Escolha carros. Escolha ficar sentando num sofá assistindo a programas de auditórios que atrofiam a mente e esmagam o espírito...”). Tudo o que Sick Boy, Renton, Spud e Franco Begbie não escolheram. Os personagens do romance estão à margem da sociedade e preferem combater o marasmo vendo futebol, bebendo em *pubs*, usando heroína e aplicando pequenos golpes em gente desavisada.

Se você gostou da escola, vai adorar trabalhar (2007)

Welsh passou mais de uma década sem lançar um livro de contos, até reaparecer no final dos anos 2000 com *Se você gostou da escola, vai adorar trabalhar*, coletânea de quatro textos curtos e uma novela. Nem tão curtas assim, as histórias, em sua maioria, são narrativas de fôlego que, diferentemente do conto clássico, avançam no número de personagens e cenários. A mão do romancista fica evidente já no primeiro conto, “Cascavéis”, em que um grupo de amigos, após um acidente em uma rodovia, é acossado por um mexicano psicopata. O drama ganha contornos cômicos quando um dos personagens é picado no pênis por uma cobra e um dos amigos precisa ajudar a retirar o veneno do animal das partes íntimas da vítima. É o velho humor negro de Welsh dando as caras. Em *Se você gostou da escola, vai adorar trabalhar* Welsh desloca suas histórias para os Estados Unidos, mas na novela que fecha o livro, “Reino de Fife”, a Escócia volta ao primeiro plano em uma narrativa sobre o cotidiano modorrento de uma pequena cidade do interior.



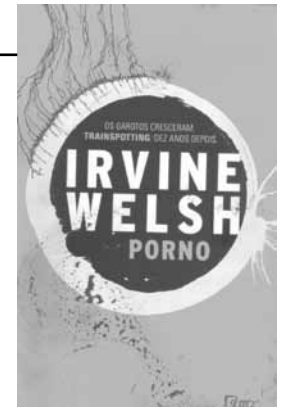
Skagboys (2012)

Apesar de ter sido lançado apenas em 2012, *Skagboys* é a primeira parte da trilogia que conta a saga dos personagens de *Trainspotting* — há ainda *Pornô*, o segundo livro da série. Com quase 600 páginas, o romance retrocede na trajetória dos protagonistas, que passam de jovens promissores a viciados em heroína assim que deixam a adolescência. A história se passa nos conjuntos habitacionais (chamados de loteamentos) da classe média baixa, também conhecida como “classe operária” no Reino Unido. Mas é o Leith, na região portuária de Edimburgo, o habitat onde os personagens se sentem mais à vontade. É lá que tudo acontece, de romances a encrencas. O Leith aparece como cenários em vários outros livros do escritor e causa sentimentos dúbios em Sick Boy e sua turma. Ao mesmo tempo que desejam se livrar do local, são estranhamente atraídos por sua atmosfera. *Skagboys* retrata uma época de drogas pesadas, pobreza, AIDS, violência, conflitos políticos (é a era de Margaret Thatcher) e ódio.

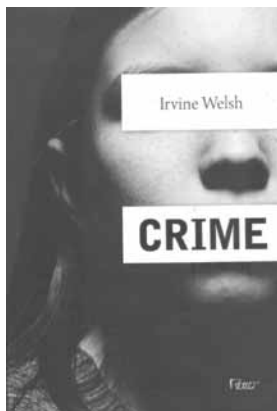


Pornô (2002)

Pornô dá um salto de dez anos na vida dos personagens de *Trainspotting*. Mark Renton virou um bem-sucedido empresário da noite em Amsterdã, Sick Boy volta para a Escócia após um período em Londres, Spud continua um viciado e Franco Begbie sai da cadeia e jura vingança contra Renton, o ruivo que passou a perna nos velhos amigos em uma transação com drogas. Todos — ou quase todos — estão envolvidos em um novo empreendimento: lançar um filme erótico de baixo orçamento. Para viabilizar o longa e tentar exibi-lo em uma mostra paralela do Festival de Cannes, os amigos recorrem a velhas falcatuas, como limpar a conta de vários clientes de um banco com a ajuda de uma das atrizes do filme, capciosamente chamado *Sete ninfas para sete irmãos*. Como em *Trainspotting*, os personagens de *Pornô* narram cada um a seu modo a história. Welsh, de forma habilidosa, enfatiza a dicção de cada personagem e cria um romance extremamente brutal.



Crime (2008)



Em *Crime*, Irvine Welsh sai de sua zona de conforto como narrador para experimentar outros cenários, personagens e temas. Edimburgo dá lugar à Flórida quando o detetive-inspetor Raymond Lennox e sua noiva Trudi saem de férias. Apesar da insistência de seu chefe para que descanse e planeje o casamento com sua bela parceira, Lennox se lembra obsessivamente do assassinato da pequena Britney Hamil, um complicado caso ocorrido em Edimburgo. A trama, conduzida com a maestria de quem sempre dominou temas inquietantes, faz referências às obras anteriores, mas apresenta um Welsh ainda mais senhor de sua prosa, explorando com maestria o contraste entre a beleza solar da Flórida e o seu submundo. Drogas, sexo e violência aparecem em cidades diferentes como Miami e Edimburgo e são desenhados com precisão através das ações e pensamentos de Lennox, o policial deprimido, quase um anti-herói, incapaz de lidar com o cotidiano e o relacionamento em crise com a noiva.

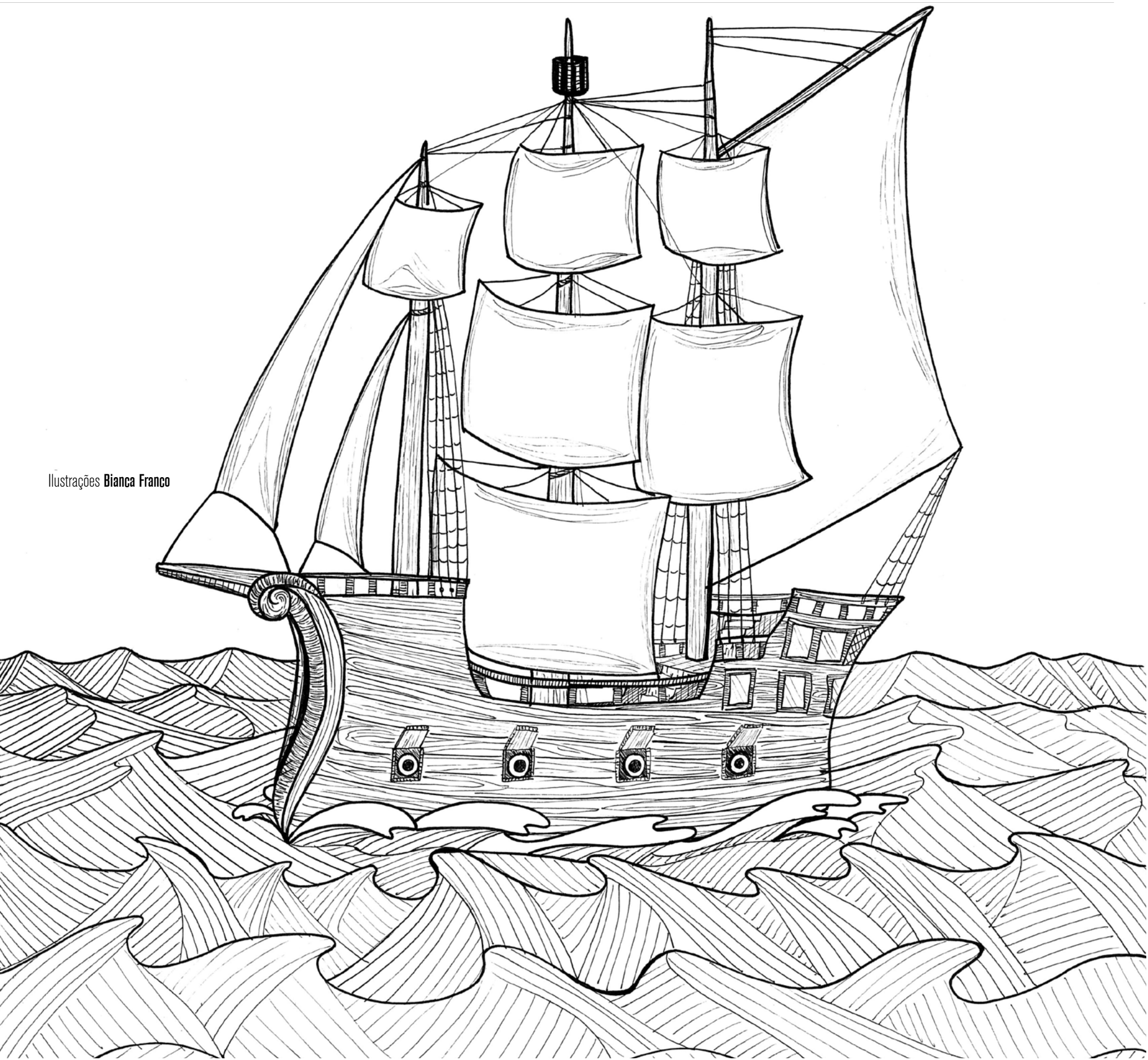
Requentando repolhos (2009)

Esta reunião de contos traz oito histórias, a maioria publicada originalmente em revistas e antologias britânicas, editadas juntas em livro no final da década de 2000. Mesmo tentando descolar seus personagens de cenário, como no conto “Eu sou Miami”, passado nos Estados Unidos, Welsh volta à matriz temática de sua literatura, com narrativas encharcadas de bebida, droga, violência e humor escrachado. É assim logo no primeiro conto, “Falta em cima da linha”, em que um homem desdenha do grave acidente ocorrido pela mulher (que perde a perna) porque o seu time de futebol está jogando. Já em “O Namorado de Elspeth”, o psicopata Franco Begbie (personagem de *Trainspotting*) arruína o jantar de Natal da família por ciúmes do noivo da irmã. Ainda que mantenha intacta a gênese de sua literatura, Welsh se esforça para não soar um escritor monocórdico. Em *Requentando repolhos* os velhos temas se renovam pelas mãos habilidosas do eterno “Senhor Trainspotting”.



PROSA | SAMIR MACHADO DE MACHADO

Ilustrações Bianca Franco





HOMENS ELEGANTES

Toda viagem é uma tradução. Aquele que desembarca não é a mesma versão que parte, e sim algo novo, adaptado, uma releitura de si mesmo para um novo público, ainda que mantendo a essência. Não raro algo se perde, algo se ganha, sobrepujado pela nova versão revista e alterada. Pois que uma viagem é tanto o resultado quanto o processo: viajar é transferir, transferir é transladar, transladar é traduzir. Ele ama viajar, ele odeia viajar. Após tanto tempo cruzando o oceano, já não sabe dizer se o arrebatamento da chegada é maior do que o alívio de se ver livre da travessia. Foram dois meses no mar indo do Brasil à corte, e mais duas semanas indo da corte ao seu destino final. Nem os livros que trouxe consigo foram suficientes para afastar a melancolia. A solidão é o veneno que lhe corrói o espírito, que o torna cada vez mais cínico e indiferente, a cada ano que se soma aos seus atuais vinte e quatro. Olha em volta: ninguém está lhe dando atenção. Aproveite a oportunidade! Lança-te ao rio logo de uma vez, que falta fará? Pule agora, ninguém notará sua ausência, jamais notaram, e nunca notarão. Vamos, pule! Não há nada para impedi-lo.

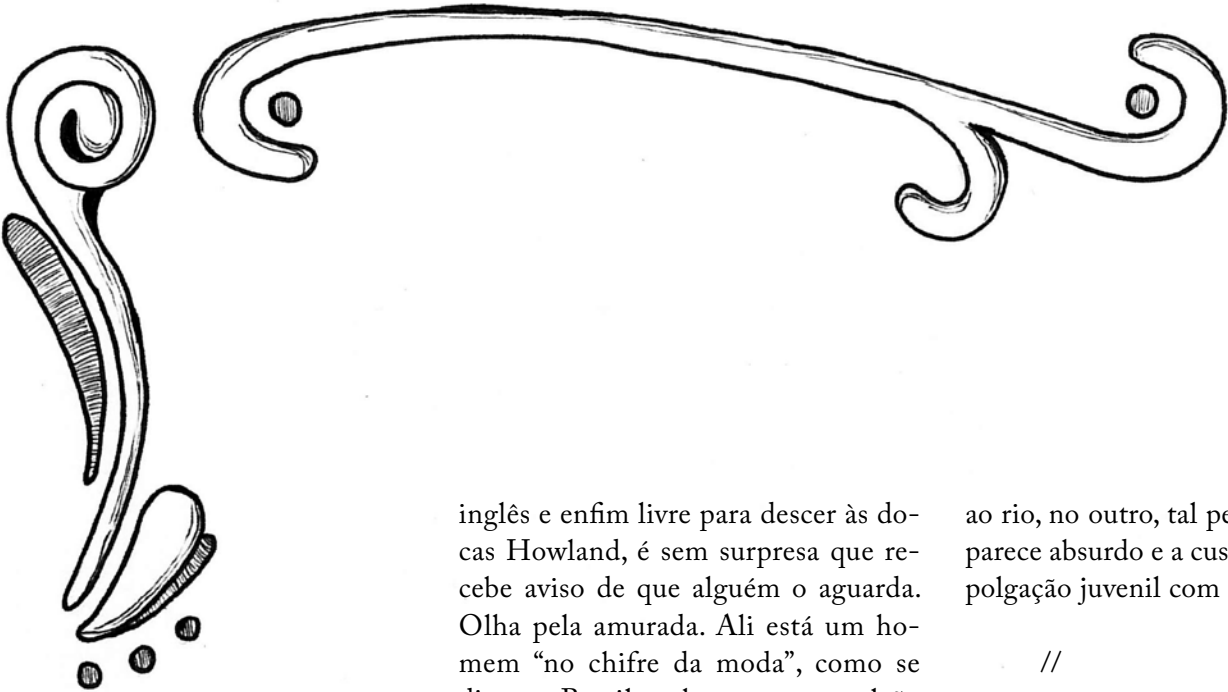
Exceto a visão daquela cidade. Santo Agostinho estava certo: quem não viaja não sai da primeira página, e por um breve instante, quase interrompeu tudo antes mesmo que começasse. Uma nova cidade é uma nova oportunidade: reinvente a si mesmo. Reconstrua. Retraduza. Anime-se, homem! Apenas os vivos podem se reinventar, e é cedo na vida para tanta melancolia!

O *Rainha de Portugal* manobra sua entrada às Grandes Docas de Howland. Há mais de cinquenta naus abrigadas ali, cujos mastros de velas recolhidas oscilam ao vento como uma floresta de troncos nus. O capitão diz que ali já vira mais de cem navios atracados, numa azáfama de embarques e desembarques, uma balbúrdia de marinheiros, pescadores, aguadeiros e vendedoras de ostras a gritar por todo lado, gente e naus do mundo inteiro confluindo. Diz que, se isso acontece, é por aquela cidade ser o nó que une linhas invisíveis que se espalham por todo o globo. Que há algo em comum entre os negros levados à força da África para viver e morrer nas plantações de açúcar da América; entre os livres e cativos que se embrenham e sufocam nas Minas

Gerais a lhe arrancar as joias debaixo da terra; entre os que cruzam e afundam pelo oceano atrás do óleo de baleia que ilumina as ruas das cidades; das famílias nos vinhedos do Douro, aos batalhões que sangram sob o calor sufocante do Oriente para fazer valer o comércio dos chás e dos temperos; todos os homens da Terra estão ligados um ao outro sem o saberem, fluindo como sangue pelas veias invisíveis das rotas de comércio, bombeando e fazendo pulsar a cidade que é o monstruoso coração do mundo: Londres.

Érico Borges nunca cobiçou uma carreira diplomática. Com uma juventude dividida entre a corte e a colônia, e um trabalho como meirinho da alfândega no Rio de Janeiro, não sabia dizer bem o que ambicionava, mas sabia que era mais do que havia conseguido até então. Aquela nova oportunidade que lhe surgira, fruto do acaso, era a oportunidade de uma vida.

Nos dias em que o navio passou fundeado no porto de Gravesenda, na entrada do Tâmesa, houve tempo o suficiente de despachar um mensageiro alertando a embaixada de sua chegada. À tarde, finda a revista do Fisco



inglês e enfim livre para descer às docas Howland, é sem surpresa que recebe aviso de que alguém o aguarda. Olha pela amurada. Ali está um homem “no chifre da moda”, como se diz no Brasil: sobrecasaca e calção de seda rosa claro, babados nos punhos, chapéu bicornes com plumas e um longo bastão de caminhada. Tal é sua elegância que Érico se constrange pela simplicidade de seus próprios trajes — veste casaca e calção preto de corte simples sem nenhum adorno, pois no Brasil o governo de Sua Majestade proíbe as sedas finas e os enfeites nas roupas, e sua passagem pela corte foi tão rápida que não lhe ocorreu comprar trajes novos. Mas aqui ninguém o conhece, aqui o mundo é novo e cheio de possibilidades, e decide que aqui irá se tornar, enfim, o homem que sempre quis ser, e não aquele que as circunstâncias lhe impuseram. A ideia de renovação o anima e o desperta. Assim são seus humores: num instante, cogitava atirar-se

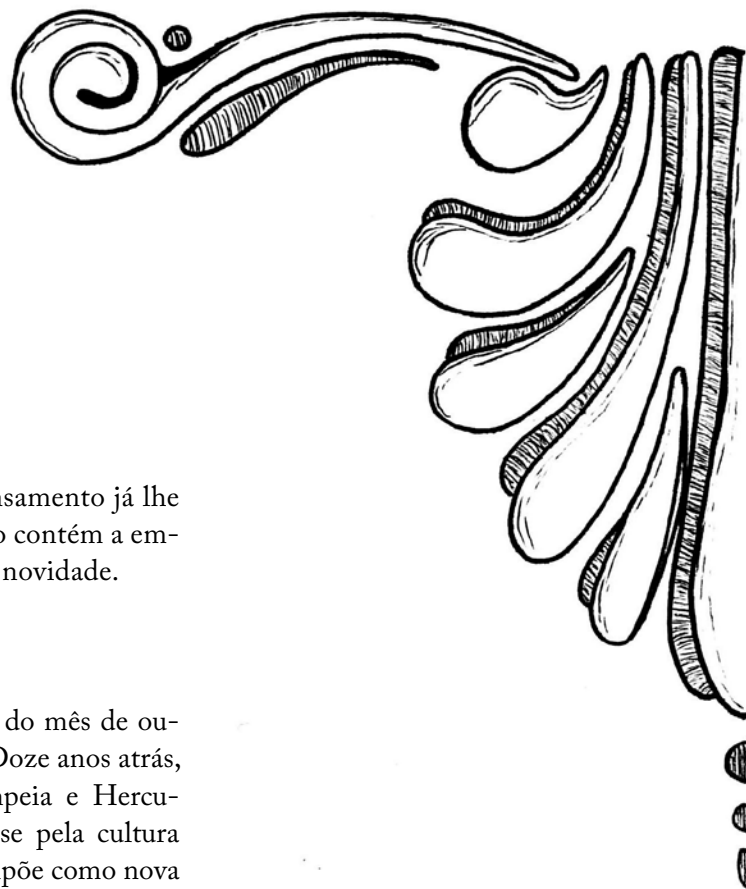
ao rio, no outro, tal pensamento já lhe parece absurdo e a custo contém a empolgação juvenil com a novidade.

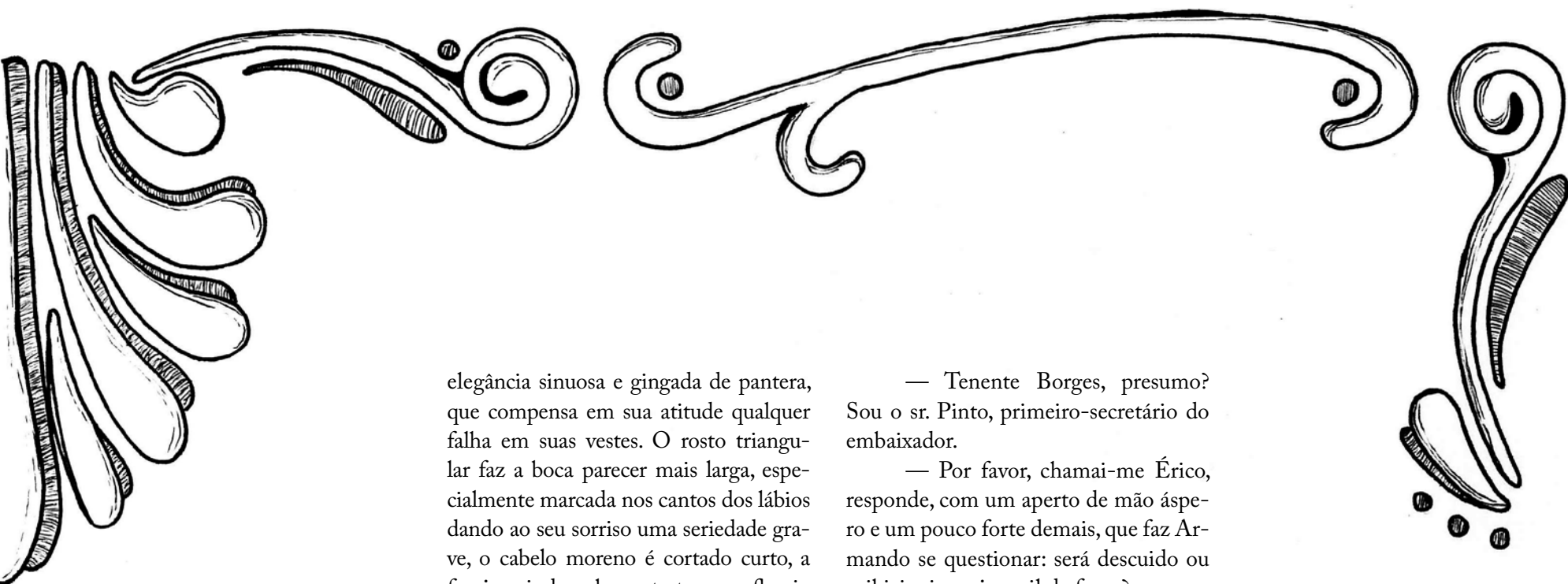
//

É o primeiro dia do mês de outubro no ano de 1760. Doze anos atrás, a redescoberta de Pompeia e Herculano reavivou o interesse pela cultura clássica, que agora se impõe como nova moda; em Portugal, nobreza e clero se recuperaram assustados da execução dos Távoras e da expulsão dos jesuítas; na França, Voltaire acaba de publicar a obra pela qual será mais lembrado; no Vaticano, o papa Clemente XIII cismou com as estátuas de mármore e mandou cobrir as genitais com folhas de parreira; na Áustria, Maria Antonieta é ainda uma criança a brincar com suas bonecas — dez anos a separam ainda do dia em que provará seu primeiro *macaron*, e três décadas de quando será separada de sua cabeça. Por toda a Europa, *philosophes* divulgam ideias inconvenientes:

de que não se deve aguardar a felicidade somente após a morte, mas buscá-la em vida — contanto que não seja nos campos de batalha de uma guerra ainda sem nome, mas que será lembrada por sua duração de sete anos.

A carta de apresentação que Armando recebeu na embaixada cedo naquela manhã, dando conta da chegada de um enviado de Lisboa, dizia que: a) deveriam manter segredo de sua chegada para os ingleses até decisão em contrário; e b) deveriam atender a todas as





suas necessidades, gastos inclusos, para o cumprimento de sua missão. Com o embaixador fora da cidade até o dia seguinte, restou a ele, no papel de primeiro-secretário da embaixada, receber o sujeito. Mas quem é aquele recém-chegado? Numa primeira olhada não há muito o que dizer, exceto que se veste com a simplicidade básica que se atribui na corte à falta de estilo dos brasileiros. Contudo, tal é a confiança casual de seus ares, o olhar calmo e desinteressado, o corpo compacto e firme a andar com uma

elegância sinuosa e gingada de pantera, que compensa em sua atitude qualquer falha em suas vestes. O rosto triangular faz a boca parecer mais larga, especialmente marcada nos cantos dos lábios dando ao seu sorriso uma seriedade grave, o cabelo moreno é cortado curto, a franja caindo sobre a testa num floreio tipográfico e a pele com o bronzeado de quem passou as últimas semanas no mar. Esperava por alguém mais velho, mas este que vem ali parece ser mais novo do que o próprio Armando (no que, tendo chegado à fronteira dos trinta, sente com amargor e arrependimento a alcunha de “jovem” afastando-se de si). Há um único detalhe particular no rapaz: desce do navio carregando uma caixa de chá em mogno, ao estilo *bombé*, com as iniciais E.B. gravadas em letras douradas, que segura debaixo do braço num modo protetor, como uma criança o faria com seu brinquedo favorito. O olhar tranquilo acompanha um sorriso formal, um pouco irônico, reforçado pela curvatura das sobrancelhas. Dele só sabendo o nome, é com isso que o interpela.

— Tenente Borges, presumo? Sou o sr. Pinto, primeiro-secretário do embaixador.

— Por favor, chamaí-me Érico, responde, com um aperto de mão áspero e um pouco forte demais, que faz Armando se questionar: será descuido ou exibicionismo juvenil de força?

— Neste caso, chamaí-me Armando. Venha, um *hackney* nos espera, diz, referindo-se aos coches de aluguel. Olha ao redor confuso.

— Sem criados?

— Viajo sozinho.

Armando ergue uma sobrancelha, surpreso. Que incomum! Suas malas? Érico aponta um único baú, que um carregador aloja no coche. Os dois entram, sentando-se de frente um para o outro. Armando puxa o relógio de bolso. São duas horas de viagem até chegarem em Westminster, e pergunta, para puxar conversa, se Érico já fizera seu câmbio.

— Ainda não. Quanto estão valendo os nossos réis frente às libras esterlinas? ■

 **Samir Machado de Machado** nasceu em Porto Alegre, em 1981. Desde 2007, organiza as antologias de contos *Ficção de Polpa*, dedicada à literatura de gênero. É autor da novela *O professor de botânica* (2008), finalista do Prêmio Açorianos de Literatura, e do romance *Quatro soldados* (2013), que, junto de *Homens elegantes*, teve os direitos para o cinema adquiridos pela RT Features. O *Cândido* publica o fragmento inicial de *Homens elegantes*, a mais recente longa narrativa do autor, que a Rocco publica durante o mês de setembro.

“Mês da Literatura” leva 11 autores paranaenses a 25 cidades do interior

Escritores vão percorrer várias regiões do Estado para falar sobre suas obras, bibliotecas, livro e leitura



Divulgação

Karen Debértolis



Divulgação

Miguel Sanches Neto



Kraw Penas

Cristovão Tezza



Entre 24 de agosto e 23 de setembro, a Secretaria de Estado da Cultura do Paraná e a Biblioteca Pública do Paraná promovem o “Mês da Literatura”. Onze escritores paranaenses vão percorrer 25 municípios do interior do Estado. Cada autor visitará entre duas e três bibliotecas. Durante os encontros, os escritores vão falar sobre suas próprias obras e comentar temas como livro, leitura e formação de leitores. Também haverá uma Oficina de Quadrinhos na Biblioteca Pública do Paraná, com Eloar Guazzelli, entre 27 e 29 de setembro — as inscrições são gratuitas, já estão abertas e podem ser feitas pelo e-mail oficina@bpp.pr.gov.br.

As instituições selecionadas para receber a visita de escritores abrangem as mais variadas regiões do Estado — dos Campos Gerais ao Norte paraense — e são referências entre as quase 500 bibliotecas cadastradas no Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Paraná, que é coordenado e administrado pela BPP. Dessa forma, os seguintes municípios participam do primeiro “Mês da Literatura”: Alto Paraná, Ampere, Araucária, Castro, Colombo, Guaratuba, Ibiporã, Jaguariaíva, Lapa, Marechal Cândido Rondon, Maripá, Palmas, Paranaguá, Paçandu, Paraíso do Norte, Peabiru, Quedas do

Iguaçu, Quitandinha, Rio Azul, Santa Helena, Salto do Lontra, Santo Antônio da Platina, Santo Inácio, Telêmaco Borba e Tibagi.

Inserido no Plano Estadual do Livro, Leitura e Literatura (PELLL), o “Mês da Literatura” é uma ação que deve entrar para o calendário cultural do Estado. “Além de fomentar e valorizar a leitura, incentivar e difundir a produção literária paranaense, o projeto também descentraliza a cultura ao levar nossos autores a pequenos e médios municípios”, diz o secretário de Estado da Cultura, João Luiz Fiani.

Entre os autores convidados, estão romancistas (Cristovão Tezza e Miguel Sanches Neto), escritores infantojuvenis (Cléo Busatto e Paulo Venturelli), poetas (Karen Debértolis), críticos (José Castello) e jovens autores (Marcos Peres). Um recorte plural da cena literária paranaense.

A programação do evento teve início com o concerto “Paulo Leminski — Canções e Poemas”, realizado pela Orquestra Sinfônica do Paraná no Teatro Guaíra na noite de 24 de agosto. A data de abertura é uma homenagem ao nascimento de Leminski. Já o encerramento das atividades coincide com o aniversário de 80 anos da Academia Paranaense de Letras, criada em setembro de 1936. ■

PROGRAMAÇÃO

29 e 30 de agosto Cléo Busatto (Telêmaco Borba e Tibagi)

1 e 2 de setembro Cristovão Tezza (Guaratuba e Paranaguá)

1 e 2 de setembro Marcos Peres (Alto Paraná e Santo Inácio)

12, 13 e 14 de setembro Guido Viaro (Paçandu, Peabiru e Paraíso do Norte)

12, 13 e 14 de setembro Otavio Linhares (Ampere, Salto do Lontra e Quedas do Iguaçu)

14 e 15 de setembro Miguel Sanches Neto (Jaguariaíva e Castro)

19 e 20 de setembro Cezar Tridapalli (Ibiporã e Santo Antônio da Platina)

20 e 21 de setembro José Castello (Lapa e Quitandinha)

20, 21 e 22 de setembro Karen Debértolis (Santa Helena, Marechal Cândido Rondon e Maripá)

22 e 23 de setembro Marcelo Sandmann (Palmas e Rio Azul)

22 e 23 de setembro Paulo Venturelli (Araucária e Colombo)

Olivia D'Agnoluzzo



Otavio Linhares



ROMANCE | LEONARDO VILLA-FORTE

Daniel passava por um momento delicado em sua curta vida. No ano anterior, sua progressão para a série seguinte não havia sido aprovada pela antiga escola. Dessa maneira, precisaria repetir a série, e era isso que estava fazendo agora, numa escola nova. Para a família, tal acontecimento — a repetência — representou uma pequena tragédia. No final daquele fatídico ano, a coordenadora chamou Virna e Marcos para conversar. Foi a única vez em que Marcos deixou a casa, sem contar as vezes em que fora ao hospital revisar os curativos em sua mão, e quando ia pesquisar e comprar objetos para o seu mais novo empreendimento. Ao ver seus pais saírem para a conversa com a coordenadora de sua escola, sentado à mesa de jantar fingindo ter fome e comer um pão, Daniel sentiu até um rápido orgulho, daqueles que brotam quando tentamos ver algo de bom numa cilada que aprontamos para nós mesmos, mas logo murcha quando nos

olham com severidade e somos trazidos de volta ao mundo real. Foi esse tipo de olhar que o pai lhe dirigiu enquanto encostava a porta, e Daniel pensou ter cometido a maior falha de sua vida — poderia ter estudado mais?, se dedicado mais? —, e já abaixava a cabeça sobre a mesa de jantar, quando o pai reabriu a porta de repente e, apontando para a recente divisória que ele construía no meio da sala, disse: “Nem pense em entrar e mexer ali”.

Virna precisou chorar para tentar sensibilizar a coordenadora da escola. Pegou até na mão acidentada do marido e a levantou às vistas da mulher. “O pai sofreu um acidente. Foi demitido. Daniel não deve estar com a cabeça boa, ver um pai de repente sem dedo”. Marcos, pego de surpresa, lamentou. Não deu um pio quando escutou a coordenadora afirmar que as últimas notas de Daniel, somadas às anteriores, infelizmente não o qualificavam nem mesmo para um período de recuperação.

Marcos permaneceu igualmente calado quando a coordenadora mencionou a ocasião em que o professor de português pedira para Daniel olhar para frente e Daniel lhe ergueu o dedo do meio. Claro, era um gesto comumente trocado entre as crianças — inspetores e demais funcionários sabiam —, mas dirigi-lo a um professor era algo de que não se tinha notícia na escola. O lindo bebê da mamãe esticando o dedo do meio para o professor? Virna se assustou ao imaginar. Como Daniel poderia ter aprendido aquele gesto? E como teria tido a coragem de usá-lo? — ela chorou mais um pouco, deitando o rosto na mesa da coordenadora, sacudindo os ombros em sofrimento. Esperava a coordenadora se sensibilizar, mas a mulher não reagia, ao menos não a ponto de rever sua posição. Eram normas da escola que precisavam ser respeitadas. No final das contas, aquela questão não era sobre uma pessoa, ou um aluno, mas sobre uma forma de



proceder, e esse padrão precisava ser resguardado.

“Você entende o que é uma re-petência, Marcos, entende o que acontece?”, Virna ergueu o tronco violentamente e secou seu choro, passando as mãos pelo rosto enquanto encarava o marido. As covinhas ao lado de sua boca tremiam, sumindo e reaparecendo seguidamente. O momento parecia complicado. Marcos sentiu que deveria responder da maneira que apresentasse a menor chance de erro possível. “Sim, querida, nosso filho terá que cursar o mesmo ano de novo.” “De novo, Marcos, de novo!”, Virna gritou, e voltou a debulhar-se. Ao menos acertei a resposta, Marcos pensou, e tratou de pôr uma cara triste. “Para sempre atrasado, Marcos! Por que ele tinha que nascer com a minha cabeça e não com a do meu irmão? Temos um filho burro. Que vergonha!”

A sensação de impotência não era nova para Marcos, mas dessa vez

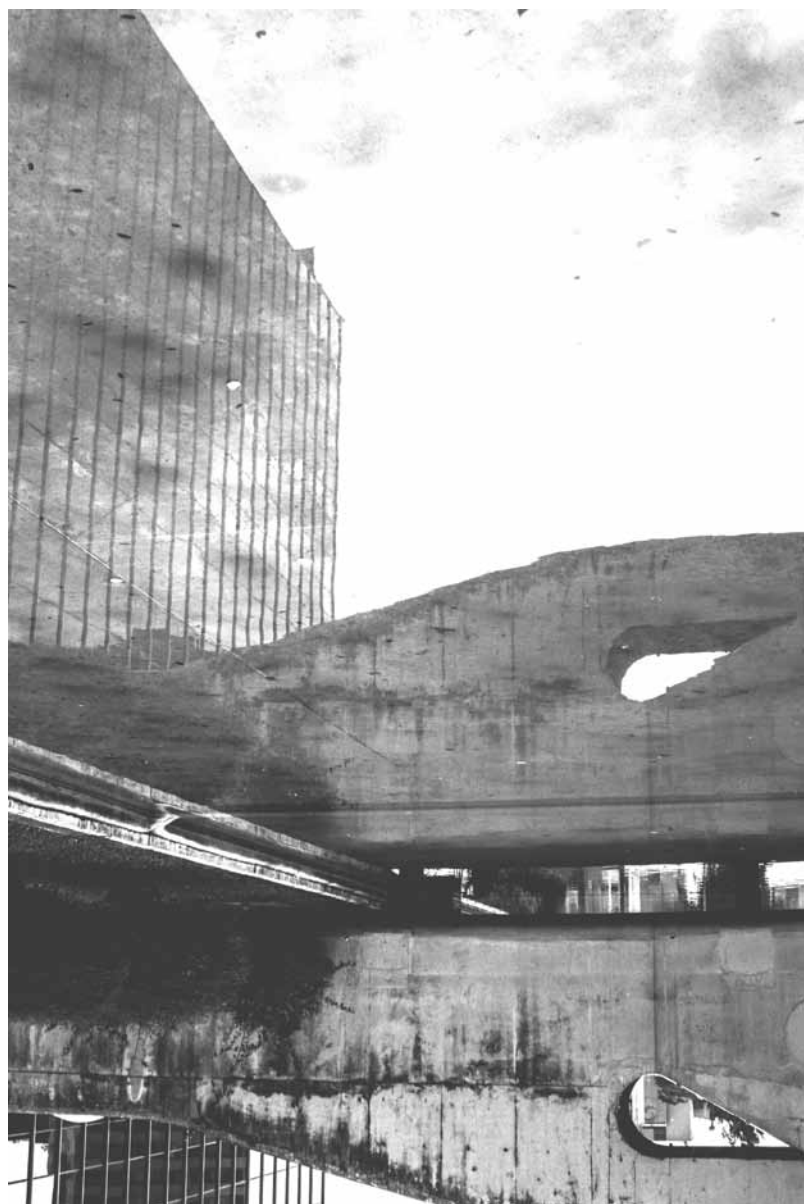
ele pensou que, se o desespero tinha todo esse tamanho, talvez coubesse recorrer a uma via não habitual. De modo que pôs a mão no bolso e, paciente, com aqueles seus quatro dedos que só destacavam o polegar ausente, foi, aos poucos, fazendo um volume subir de dentro do bolso, empurrando devagar — a calça apertada — até que quando estava quase conseguindo retirar a carteira do bolso, um tapa explodiu em sua bochecha. “Tudo menos isso, Marcos. Tudo menos isso”, disse Virna. E já sem lágrima alguma debaixo dos olhos, ela se levantou — “Você é outra vergonha” —, abriu a porta da sala e pôs-se a andar, o som seco dos seus tamancos espocando no ar, cada vez mais baixos, porém por um bom tempo ainda audíveis. A coordenadora ficara sem reação. Marcos, com o rosto vermelho e inchado. A carteira pulara para fora do bolso dele e os dois adultos tentavam não enxergá-la estirada no chão. ■

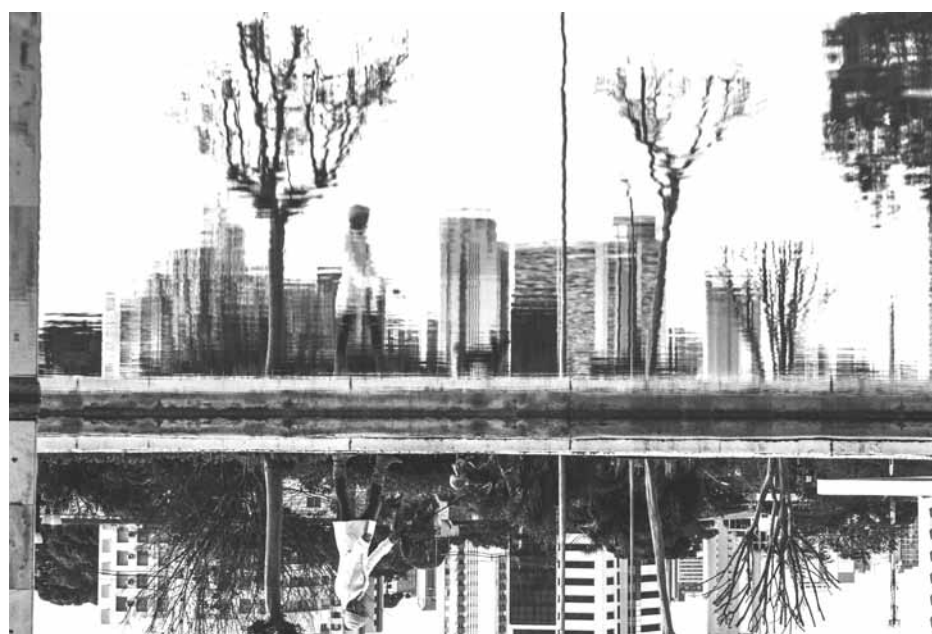


Leonardo Villa-Forte é autor do livro de contos *O explicador*, do romance *O princípio de ver histórias em todo lugar* e da série de colagens MixLit. Seus textos foram publicados em jornais, revistas e sites no Brasil e na Inglaterra. O texto publicado pelo **Cândido** é parte do próximo romance do escritor, ainda sem título. Villa-Forte vive no Rio de Janeiro (RJ).

CLIQUEs

EM CURITIBA





 **Rodrigo Félix Leal** é fotojornalista. Trabalhou na Assessoria de Comunicação da Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina, lecionou no Instituto Federal do Paraná e atualmente presta serviço para a agência Futura Press (São Paulo) e o jornal *Metro* (Curitiba). As imagens publicadas pelo **Cândido** fazem parte da série *Reflexos Urbanos*, em que o fotógrafo revela um lado deturpado e desconexo da cidade, a partir de uma visão “reflexiva” e um tanto desfocada de parques e estruturas de concreto.

TARDE

Na primeira gaveta ficam os passaportes das crianças
As chaves extras eu deixei dentro do cofre
Meus documentos, na pasta azul da escrivaninha
E eu já paguei a fatura da lavanderia

Tem uma pilha de roupas amassadas na mesa do canto
Tem uma pilha de sapatos na porta da sala
Nada disso é mais importante, meu amor,
Que deslacrar as janelas dos quartos

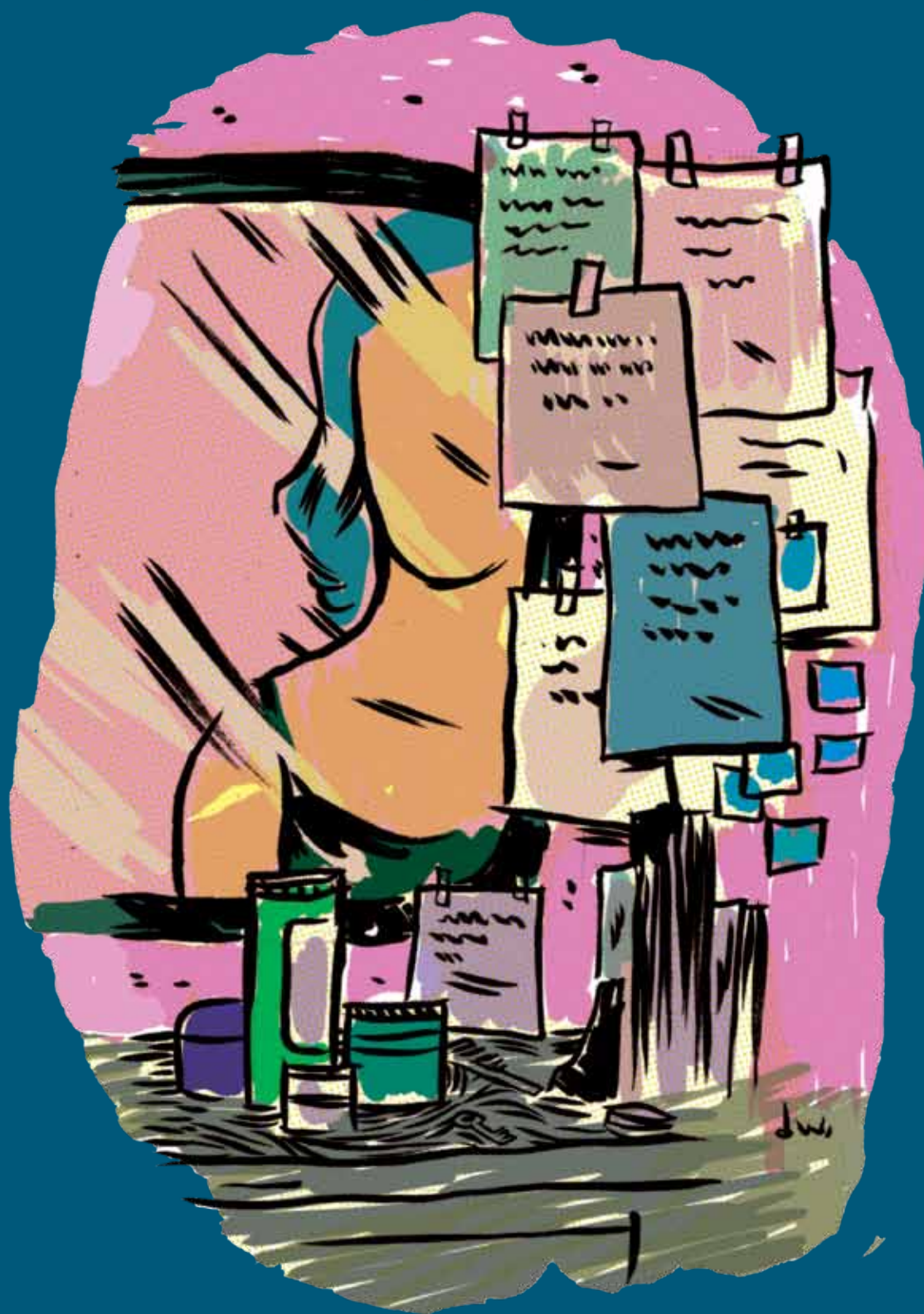
Os livros da estante foram mesmo quase todos lidos
(por favor, repare nos grifos)

Os eletrodomésticos ficarão todos programados
(para descongelar o almoço, aperte o botão do meio)
Separei numa caixa os mantimentos vencidos
E não se esqueça que quarta é o dia de descer com o lixo

Acho que deixei o guarda-chuva no carro
E meu casaco cinza, esvazie os bolsos, livre-se dos cigarros

Daqui quarenta minutos peça ao porteiro que feche os registros
Do gás, que desligue a luz do prédio
E não entre em casa com nossos filhos

(por favor, queime os poemas, ou deixe-os comigo)



 **Vanessa C. Rodrigues** nasceu em 1984 e é formada em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em 2015 estreou como romancista com *Anunciação* (Oito e meio). Também é autora da coletânea de poemas *Noturno e cinza* (editora Medusa, 2014). Teve trabalhos publicados em revistas, como *Arte e Letra: Estórias*, e participou das antologias poéticas *Fantasma Civil*, da XX Bienal Internacional de Curitiba, e *Emergente: novos poetas lusófonos* (Portugal). Vanessa vive em Curitiba (PR).